

A CLASSE OPERÁRIA



PROLETÁRIO
DE TODOS
OS PAÍSES
UNI-VOS

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA DO PCdoB

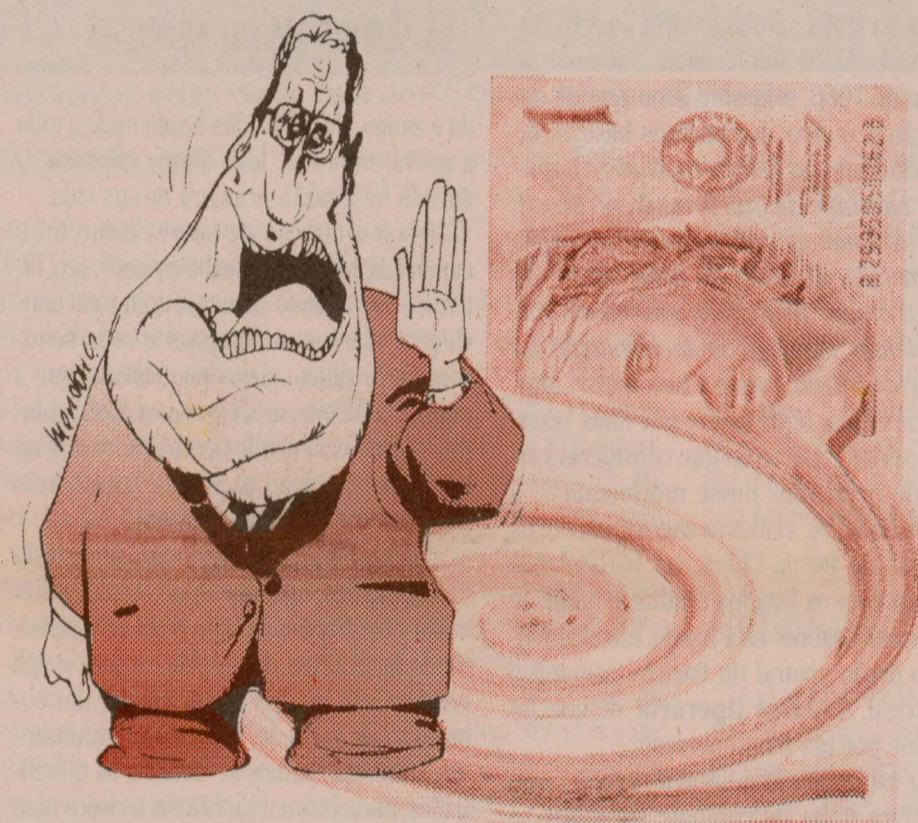
FERNANDO HENRIQUE É O RESPONSÁVEL PELA CRISE!

O Brasil está vivendo o impacto de grave crise, resultado da política neoliberal adotada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Em poucos dias, o país sofreu com a perda de bilhões de dólares. Fiel às orientações do grande capital financeiro, o governo mantém taxas de juros elevadíssimas - as maiores do mundo - e garante total liberdade de ação aos especuladores internacionais. A moeda brasileira, cuja falsa estabilidade era o grande trunfo governamental, sofre sucessivas desvalorizações.

À par da gravidade da situação econômica, agrava-se a situação social. Fernando Henrique impõe enormes sacrifícios ao povo, que amarga o desemprego crescente, a perda de conquistas trabalhistas e sociais, a diminuição do poder aquisitivo dos salários, a deterioração dos serviços públicos, como saúde e educação. Amplos setores são lançados ao desespero, sem nenhuma perspectiva de melhoria em suas condições de vida.

O novo governo de Fernando Henrique é uma colcha de retalhos, composta para atender a interesses de oligarquias e grupos políticos retrógrados. A ofensiva governamental para aprovar o ajuste fiscal centralizador de recursos e as reformas políticas antidemocráticas demonstram o caráter reacionário e neoliberal da atual administração.

Ampliam-se as forças contrárias ao



governo federal. Após a posse dos seis governadores eleitos pela oposição e da declaração de moratória feita por Itamar Franco em Minas, destacou-se com força o desajuste federativo. Os Estados estão falidos. Não podem pagar as dívidas com a União e com o exterior. A arrecadação cai. Nem as obrigações com o funcionalismo estão podendo ser cumpridas. Até os governadores vinculados à administração federal queixam-se dos juros altos e

da política econômica recessiva.

Mesmo diante da dura realidade enfrentada pelos Estados, Fernando Henrique quer cortar recursos, para cumprir as metas inadmissíveis determinadas pelo acordo com o FMI, que leva à maior dependência do país e ao monitoramento da economia nacional por essa instituição. Fernando Henrique faz ameaças contra Itamar e os governadores de oposição, e retém verbas destinadas aos Esta-

dos. Golpeia o pacto federativo.

Não é hora de vacilações! Em defesa da nação, da melhoria das condições de existência da população, da ampliação da democracia, do desenvolvimento econômico e social, deve-se desenvolver um amplo movimento cívico, de oposição a Fernando Henrique Cardoso e sua política neoliberal. Um movimento exigindo a imediata mudança do modelo econômico e redução drástica das taxas de juros. Um movimento em defesa do pacto federativo, que garanta aos Estados e municípios meios para atender às necessidades da população e para implementar uma política de desenvolvimento, de geração de empregos e de reforma agrária. Um movimento que aponte para a ampliação da democracia e possibilite a efetiva participação popular na definição de novos rumos para o país. Um movimento que envolva partidos políticos, entidades populares e democráticas, personalidades comprometidas com a defesa da democracia e da nação.

O governo Fernando Henrique, com sua política neoliberal, é o responsável pela grave situação econômica e social vivida pelo país. Cabe à oposição desmascará-lo e apontar um novo modelo, democrático e soberano, com justiça social, para o Brasil.

*Comissão Política do
Partido Comunista do Brasil*

Governadores exigem negociações

Numa batalha política e jurídica, governadores liderados por Itamar Franco denunciam os acordos realizados por seus antecessores. O presidente Fernando Henrique recusa-se a renegociar as dívidas dos Estados, mas a situação de penúria das administrações estaduais e municipais impõe a suspensão dos pagamentos.

Em Belo Horizonte, sete governadores opositoristas lançaram manifesto criticando a política econômica de FHC. Manifestações convocadas pelas organizações populares e pelos partidos opositoristas em apoio à moratória mineira reuniram mais de 5 mil pessoas diante do Palácio da Liberdade.

Página 3



Manifestação em apoio à moratória reuniu mais de 5000 pessoas em BH

Demissões em massa e ataque aos metalúrgicos

Os metalúrgicos enfrentam o ataque patronal: demissões em massa e cortes nos salários e direitos trabalhistas. A luta dos funcionários da Ford, que ocuparam a fábrica em protesto contra as demissões, ganha o apoio de todos os trabalhadores. Mas a multinacional anuncia ainda mais demissões, inclusive em sua unidade na Argentina, e vale-se do apoio do governo (que patrocina as investidas contra as conquistas dos assalariados), para recusar qualquer negociação.

Página 7



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

MEMÓRIA

Homenagem a Maurício Grabois

DIÓGENES ARRUDA CÂMARA*

Hoje, já não está conosco, contagiando-nos com seu entusiasmo, com seu humor e ironia, com seu otimismo revolucionário, o nosso querido camarada Maurício Grabois.

Se vivo estivesse, comemoraríamos, talvez juntos, seu 66º aniversário, no dia 2 de outubro, e seus 46 anos de militância ininterrupta e conseqüente nas fileiras de nosso Partido, de seu Partido, sob a bandeira do qual lutou com abnegação sem limites e a toda a prova.

O camarada Maurício Grabois ingressou no Partido Comunista do Brasil antes de completar 20 anos, em 1932, quando aluno da Escola Militar. Desde então, dedicou a sua vida por inteiro a atividade partidária. Na Escola Militar e depois, como simples soldado, foi um dos primeiros organizadores do Partido nas Forças Armadas. Tomou parte ativa nas jornadas do ano de 1934 contra o fascismo. Trabalhou infatigavelmente, ao longo de 1935, na criação e no fortalecimento do grande movimento revolucionário antimperialista, antilatifundista e antifascista da Aliança Nacional Libertadora, sendo, já então, dirigente regional do Partido. Naquela época e posteriormente sempre defendeu a gloriosa insurreição popular de novembro de 1935. Nos dez anos da ditadura de Vargas, nos quais, nós, os comunistas, enfrentamos uma selvagem repressão policial, desenvolveu, incansavelmente, atuação das mais relevantes. Preso no início de 1941, comportou-se com a dignidade de verdadeiro comunista, honrando esta nossa lenda heróica: **primeiro o Partido, depois tua vida, se possível**. Já em julho de 1942, imediatamente ao sair da prisão, ocupou seu posto de combate, integrando o Secretariado Nacional Provisório do Partido, o qual teve como tarefa principal rearticular nacionalmente o Partido e realizar uma Conferência Nacional, sendo esta efetuada com pleno êxito em agosto de 1943, na Serra da Mantiqueira, onde foi eleito membro do Comitê Central, da Comissão Executiva e do Secretariado do Comitê Central. Deputado comunista nas eleições de dezembro de 1945, foi líder da bancada do Partido na Câmara dos Deputados de 1946 a janeiro de 1948, quando a reação cassou os mandatos comunistas, desenvolvendo uma atividade parlamentar e extra-parlamentar de real destaque, revolucionária, no estilo leninista. Trabalhou ativamente como um dos relatores do Programa do Partido e também como um dos organizadores do seu IV Congresso, em novembro de 1954, no qual foi reeleito para o Comitê Central, a Comissão Executiva e o Secretariado do Comitê Central. Diante

do surto revisionista kruschoviano, durante os anos de 1956 a 1960, manteve firme posição de defesa do marxismo-leninismo e do Partido e de luta contra as furiosas investidas de Prestes e sua camarilha de renegados, ocupando, neste combate, lugar proeminente.

Considerável foi sua atividade, tanto político-ideológica como prática, no trabalho de reorganização marxista-leninista do Partido de 1961 a 1962, contribuindo de forma destacada, juntamente com o camarada Amazonas, para o esclarecimento de importantes problemas da revolução brasileira e na elaboração do Programa do Partido, aprovado na Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962. Valiosa foi também sua contribuição na elaboração da tática revolucionária do Partido, aprovada na VI Conferência Nacional de junho de 1966, o mesmo acontecendo em relação a outros documentos básicos do Partido, como os *Estatutos*, *Guerra popular - caminho da luta armada no Brasil*, *Política e métodos de revolucionarização do Partido*, *50 anos de lutas do PC do Brasil e seus principais ensinamentos*, *Problemas ideológicos da revolução na América Latina*. Desde a Revolução Cultural, na China, onde esteve por duas vezes, fazia sérios reparos ao que considerava erros de princípios nesse movimento e, a partir de 1970, criticava energeticamente os desvios do PC da China, em particular, a aliança com os Estados Unidos. O nome de Maurício Grabois está ligado estreitamente ao órgão central do Partido Comunista do Brasil, **A Classe Operária**, do qual foi diretor por um longo período.

O camarada Grabois sempre esteve na primeira linha de combate em todos os anos de lutas acirradas contra o revisionismo contemporâneo e pela consolidação das fileiras partidárias. Junto com o camarada Amazonas, e ao lado dos camaradas Ângelo Arroio e Paulo Rodrigues, deu o melhor de sua capacidade e de suas energias revolucionárias na preparação da luta e na resistência armada do Araguaia. Ali esteve desde os primeiros momentos, ali conviveu com as massas exploradas e oprimidas e sentiu a sua grande revolta, ali atuou abnegadamente, ombro a ombro, com todos os camaradas, ali colaborou na elaboração de valiosos documentos políticos e militares, ali comandou as Forças Guerrilheiras do Araguaia, ali tombou como um bravo. Caiu com glória, caiu de arma na mão naquele campo de batalha da luta de classes, no Araguaia - ponto alto de referência da luta revolucionária libertadora de nosso povo.

Maurício Grabois - Abel, Mário, Freitas, Chico, Velho, mil nomes num só dirigente comunista exemplar, num só camara-



MAURÍCIO GRABOIS
UMA VIDA DE COMEBATES

**Dia 28 de janeiro, 19 horas,
Sindicato dos Hoteleiros,
Rua Taguá, 282, São Paulo
(Próximo ao Metrô S. Joaquim)**

NO DIA 28 DE JANEIRO SERÁ HOMENAGEADO, EM SÃO PAULO,

O DIRIGENTE COMUNISTA MAURÍCIO GRABOIS, COM DEPOIMENTOS
DE JOÃO AMAZONAS, JACOB GORENDER E CLOVIS MOURA.

GRABOIS MORREU EM 25 DE DEZEMBRO DE 1973,

NA GUERRILHA DO ARAGUAIA

da e amigo, de dedicação e solicitude a toda a prova, honrado, leal, altivo, valoroso. O Partido foi a razão primeira de sua vida.

É sob a direção de líderes como foi o camarada Maurício Grabois, com seu talento e seu imenso coração, com suas convicções marxistas-leninistas e seus sentimentos revolucionários proletários, que a nossa classe operária e o nosso povo, guiados por nosso Partido, serão vitoriosos na luta pela libertação nacional e social, pelo socialismo e pelo comunismo.

Inteligência brilhante, propagandista de idéias lúcidas, agitador apaixonado, polemista por excelência, tático de rara sensibilidade, homem de Partido, arguto e ágil no pensar e no agir, Maurício foi um comunista de verdade. Incansável, infundido confiança, jamais se dobrou às dificuldades, nunca temeu sacrifícios e riscos nem pensou em si mesmo ou em comodidades - tal a constante de sua vida generosa.

O dirigente comunista se forja todos os dias e amadurece a cada prova que lhe oferece a vida partidária. Quanto mais duros os embates e mais difíceis as provas por que passa, mais experimentado, corajoso e imbatível se torna. Na ação, e só na ação revolucionária a serviço do proletariado e do Partido, no fragor das batalhas renhidas da luta de classes, se forma e se tempera o comunista. É uma luta que se pode comparar a do bom forjador, que sabe que o ouro tanto mais se purifica quanto mais forte e mais longa for a prova do fogo. A lúcida consciência de realizar em qualquer circunstância seu dever de soldado do Partido, de dar tudo pelo Partido, inclusive a própria vida, suas profundas convicções políticas e ideológicas, seu valor moral, ao longo de anos e anos de fiel cumprimento das responsabilidades partidárias e do estudo do marxismo-leninismo, sua vontade inabalável de revolucionário proletário forjaram no camarada Maurício Grabois um dos mais belos e íntegros caracteres de comunista que registra a história de lutas de nosso Partido. Sua conduta, sua ação, sua vida de lutador indomável refletem as melhores tradições revolucionárias do Partido da classe operária, o PC do Brasil.

Deixou-nos, como exemplo de seu heróico espírito do Araguaia, que encarna a combatividade revolucionária-proletária do nosso Partido.

Fraternal com seus camaradas, fossem eles dirigentes ou simples militantes, amigo leal de seus leais amigos, irreconciliável inimigo dos inimigos do Partido, dos traidores do marxismo-leninismo, da revolução, do socialismo e do comunismo, ele mostrou, com a sua vida, que o dever é a honra de um comunista, manifestados no dia a dia da luta de classes, adquirem a estrutura de mandamento e passam a ser exemplo que ficam para sempre, sem a marca do tempo. Sua atividade edificante de dirigente do Partido não se apagará jamais em nosso espírito de comunistas, viverá para sempre no coração generoso dos operários, camponeses e estudantes brasileiros. Seu nome está na galeria dos grandes heróis de nosso povo, junto aos de muitos outros comunistas e revolucionários desprendidos e conseqüentes. Sua existência será fonte de inspiração constante a nós incitar a sermos ilimitadamente fiéis aos nobres e belos ideais comunistas, pelos quais lutou de corpo e alma a vida inteira. Por seu exemplo, o camarada Grabois mostrou que os ideais comunistas não são metais que se fundem. Ao defender intransigentemente as tradições heróicas de nosso Partido, levou adiante a causa da classe operária, do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O verdadeiro heroísmo, o heroísmo proletário, em verdade, só emerge com força e se impõe em toda a sua plenitude quando se ergue a gloriosa bandeira vermelha do Partido Comunista. Levantemos sempre mais alto a bandeira de combate do camarada Maurício-Grabois, que nunca foi outra senão a do PC do Brasil, exemplo vivo de vanguarda marxista-leninista da classe operária, guia e esperança do povo brasileiro. E sob esta gloriosa bandeira, avancemos ainda mais confiantes para novos combates, a fim de conquistarmos maiores vitórias.

Com os punhos cerrados e em silêncio, lembremos o nome do camarada Maurício Grabois, comandante das heróicas Forças Guerrilheiras do Araguaia. Em sua honra juramos lutar com maior força e a vida inteira pela sua causa, pela causa invencível do marxismo-leninismo e do Partido Comunista do Brasil.

*Artigo escrito para

A Classe Operária em 1978

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 - SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL) Estagiária: Gabriela Mendonça. Editoração

Eletrônica: Sandra Luiz Alves - Administração: Franczyrose de Andrade Matarazzo.

Publicação quinzenal da Empresa Jornalística A Classe Operária

Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 3104 4140

PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br> - E-mail: classcop@ruralsp.com.br

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Estados mergulhados na crise

CARLOS POMPE

Sete governadores de oposição lançaram dia 18, em Belo Horizonte, manifesto que prega a "imediata recomposição do pacto federativo" e a renegociação das dívidas dos Estados (veja trechos da Carta de Belo Horizonte nesta página).

PROTESTO MINEIRO

O governador de Minas Gerais, Itamar Franco (PMDB), criticou o presidente Fernando Henrique e a política econômica, durante ato diante do Palácio da Liberdade, no dia 18. "É hora de dizer um basta para essa economia injusta que aí está". A passeata de apoio à moratória mineira reuniu cerca de 5 mil pessoas.

O ex-presidente Itamar foi empossado governador, no dia 1º, criticando o governo federal: "Não podemos continuar aceitando a drenagem de nosso suor para custear os equívocos de uma política econômica, que tem a recessão e a transferência de recursos do setor produtivo para o capital financeiro internacional como projeto". Ele anunciou a suspensão, por 90 dias, do pagamento do que o Minas Gerais deve à União. Nos próximos 12 meses, Minas gastaria com o pagamento das parcelas 13% do que arrecada. Segundo Itamar, a moratória ocorreu por "absoluta falta de dinheiro". Prefeitos das 15 maiores cidades mineiras apoiaram a moratória.

Itamar não admite a privatização de estatais mineiras, pretendida por FHC. Disse que não aceita "a paz morna da submissão". No dia 11, os líderes da oposição no Congresso se reuniram em Brasília para apoiar o governador. No mesmo dia, Itamar Franco recebeu Luiz Marinho, presidente dos metalúrgicos no ABC, e outros sindicalistas, que foram levar solidariedade e pedir apoio na luta contra o desemprego.

O secretário de Fazenda de Minas, Alexandre Dupeyrat, condicionou o pagamento da parcela de US\$ 108 milhões dos eurobônus emitidos pelo Estado à liberação de recursos federais. Dias antes Banco do Brasil deixou de repassar R\$ 11,7 milhões a Minas. O BB também bloqueou R\$ 13,3 milhões de repasses federais à Goiás, que deixou de pagar R\$ 22 milhões.

No dia 17, Itamar entrou com ação no Tribunal de Justiça de Minas para suspender o ato do ex-governador Eduardo Azeredo (PSDB), que dá poderes aos bancos de fazer o bloqueio das verbas estaduais.



Itamar, Garotinho, Jorge Viana, Zeca do PT, Olívio, Lessa e Capiberibe

GOVERNADORES DA OPOSIÇÃO

O governador Anthony Garotinho (PDT-RJ), ameaçou dar prioridade aos salários do funcionalismo, em vez de honrar os compromissos com a União, calculados em R\$ 21,8 bilhões. Se o Rio não conseguir renegociar sua dívida, dentro de 4 a 6 meses começará a se tornar inadimplente, prevê o secretário da Fazenda, Carlos Antônio Sasse.

O governador Olívio Dutra (PT-RS) disse que "a União está pisoteando os Estados e municípios". Para ele a dívida do Rio Grande do Sul é "impagável" nos termos em que foi negociada. O Estado começou o ano com uma quebra de caixa de R\$ 1,2 bilhão. O governo gaúcho encaminhou, dia 14, proposta de renegociação

da dívida ao Supremo Tribunal Federal. Propôs uma "ação cautelar de caução": o Estado deposita em juízo o valor da parcela que vence e vai discutir na Justiça o cumprimento do acordo assinado pelo governador anterior, Antônio Britto (PSDB). O ministro Carlos Velloso, do STF, autorizou o depósito no valor de R\$ 31.260.537,09. Com essa ação Olívio descaracterizou a possível condição de inadimplente, o que autorizaria uma eventual intervenção federal no Estado.

Os governos de Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Amapá, Alagoas e Mato Grosso do Sul definiram dia 15 como "impraticável" o pagamento da dívida com a União, da forma como foi renegociada. A "Carta de Porto Alegre" foi redigida pelos se-

cretários da Fazenda dos seis Estados reunidos na capital gaúcha. "Parcelas importantes das receitas dos Estados e municípios foram redirecionadas em favor da União", assinala a declaração conjunta, citando como exemplo a Lei Kandir e o Fundo de Estabilização Fiscal. O documento enfatiza que a taxa de juros praticada pela União elevou de forma insustentável as dívidas públicas.

GOVERNADORES DA SITUAÇÃO

A governadora Roseana Sarney (PFL-MA) se disse contra, mas afirmou que reivindicará novo acordo se Itamar obtiver "melhores condições". Albano Franco (PSDB-SE) e Jaime Lerner (PFL-PR) são favoráveis a uma revisão dos acordos. Jarbas Vasconcelos (PSDB-PE) con-

denou a moratória. O governador César Borges (PFL-BA) classificou de "impatriótica" a decisão de Itamar. O governador Tasso Jereissati (PSDB-CE): "aquilo (Itamar) é um louco!" Os governadores de Marconi Perillo, Goiás (PSDB-GO) e Dante de Oliveira (PSDB-GO) vão pedir ao governo federal para adiar o pagamento da dívida.

O governador Esperidião Amin (PPB-SC) diz que vai pagar a dívida de R\$ 4 bilhões. "Santa Catarina deve e não nega. Porém, o Estado quer respirar", observou o secretário estadual da Fazenda, Antônio Carlos Vieira. Amin recusou o convite para ir a São Luís participar da reunião dos governadores pró-FHC, e também não participou da reunião dos opositoristas.

O governador Mário Covas (PSDB-SP) tomou posse dia 10: "Se o Brasil é ameaçado, São Paulo reage, recusando a irresponsabilidade como bússola e o quixotismo como estandarte", afirmou, numa referência a Itamar. "São Paulo honrará todos os compromissos assumidos". O governador defendeu a redução "urgente" da taxa de juros: "Estabilidade e desenvolvimento não são contraditórios".

Na "Carta de São Luís", divulgada dia 12, 16 governadores e dois vice-governadores aliados a FHC exigiram a queda das taxas de juros e "o tratamento justo a Estados e municípios". Eles propõem a criação de uma Conferência Nacional de Governadores. Os participantes criticaram a moratória mineira, sem citá-la. Da dívida total dos Estados presentes à reunião, São Paulo, sozinho, é dono de 85%.

AMEAÇAS DE FHC

O governo FHC ameaçou executar as garantias contratuais se algum Estado ficar inadimplente. "Se os Estados não cumprirem, sofrerão, perda substancial", disse o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral.

"Nós saberemos como nos comportar", reagiu Itamar Franco. FHC, no dia 12, disse que não vai renegociar as dívidas dos Estados: "Não posso dar mais dinheiro do povo àqueles para quem já dei". Para ele os governadores pagam juros baixos e o problema é o excesso de funcionários.

Cego aos fatos que lhe são desagradáveis, no dia 15 FHC preferiu continuar responsabilizando Itamar pela crise do real. Seu governo só tem ouvido os planos ditados pelo Fundo Monetário Internacional e segue rezando pela cartilha do neoliberalismo.

A carta dos governadores

Os governadores divulgaram carta conjunta defendendo fim da sangria da economia nacional provocada pela remuneração do capital financeiro e o fortalecimento orçamentário das finanças da União, estados e municípios. Trechos da Carta de Belo Horizonte:

"A federação brasileira está em crise. O país vive momento dramático, que se expressa no grave desequilíbrio das contas externas, na fragilização das finanças públicas, do sucateamento da estrutura produtiva, no desemprego que alcança índices alarmantes, enfim no empobrecimento de Estados e municípios, que se vêm incapazes de atender aos reclamos básicos da população. (...)

As dificuldades no momento são o triste epílogo da opção econômica, injusta e cruel, adotada pela União. Dela, só se beneficiaram os capitais especulativos internacionais, que ao longo dos

últimos anos, vêm recebendo as mais altas taxas de juros do Planeta. (...)

É preciso, antes de tudo, e em caráter emergencial, estancar a sangria provocada pela artificial taxa de remuneração do capital financeiro, responsável pelo intolerável endividamento alcançado. O equilíbrio orçamentário e das finanças públicas, tanto da União como dos Estados e municípios, é uma meta prioritária. (...)

O excessivo comprometimento das receitas estaduais com o pagamento de encargos financeiros torna inviável o provimento até mesmo dos serviços públicos essenciais, como segurança, saúde e educação. (...)

Se, por um lado, a superação da crise exige mudanças radicais no direcionamento da política econômica nacional, por outro, é preciso passar à imediata recomposição do pacto federativo. Esta-

dos e Municípios devem ter condições de exercer seu papel com equilíbrio financeiro e responsabilidade social. (...)

Em face da crise, deliberou-se que os governadores Anthony Garotinho, do Rio de Janeiro, Olívio Dutra do Rio Grande do Sul, e Ronaldo Lessa, de Alagoas, representando todos os Estados aqui reunidos, buscarão junto aos poderes - Legislativo e Executivo - a imediata abertura do diálogo no sentido de renegociar as dívidas dos Estados, sem que qualquer bloqueio de recursos ocorra durante o período de entendimento.

Belo Horizonte, 18 de Janeiro de 1999".

Anthony Garotinho (RJ-PDT),
Itamar Franco (MG-PMDB),
Olívio Dutra (RS-PT), Zeca do
PT (MSPT), Jorge Viana (AC-
PT), Ronaldo Lessa (AL-
PT), Jarbas Vasconcelos (PE-
PSDB), João Capiberibe (AP-PSB).

Ameaças funestas à democracia

HAROLDO LIMA *

Em meio à crise econômico-financeira para onde foi conduzido com tenaz irresponsabilidade pelo governo de FHC, o Brasil começa a viver outra grave e funesta ameaça, desta vez contra a democracia representativa. É que forças reacionárias prepararam-se para investir furiosas contra a liberdade de organização partidária existente no país.

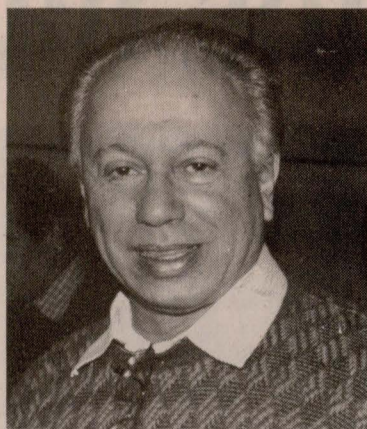
Liberdade partidária foi em geral sempre ausente da cena política brasileira. Os comunistas, por exemplo, em poucos momentos puderam aparecer com sua fisionomia própria. Foi no desdobramento da grande vitória contra o nazi-fascismo na II Grande Guerra, onde exerceram relevante papel em plano internacional e nacional, que tiveram a primeira oportunidade de disputar eleições no Brasil. Elegeram 15 deputados e um senador! Pouco depois as forças reacionárias do país cassaram os mandatos dos comunistas. Sobraram para eles as duras condições da luta clandestina, onde sobreviveram.

Mais uma vez foi no desdobramento de outro grande avanço democrático - o que pôs fim ao regime militar - que a liberdade partidária voltou ao Brasil. Foi quando o PC do B e outras correntes políticas puderam aparecer abertamente.

Em todo esse tempo forças retrógradas tramaram contra a liberdade conquistada. O pretexto sempre foi o de que as minorias estariam dificultando a governabilidade do país, infame mentira quando se sabe quão restrito é o poder de fogo das minorias nas casas parlamentares brasileiras. O que de fato mobiliza o reacionarismo é a atitude das minorias progressistas, desmascarando as traições, espancando o entreguismo, escancarando os botins da corrupção, ao tempo em que fazem tremular as bandeiras dos trabalhadores.

A nova investida agora preparada vem travestida com o nome de "reforma política", uma contra-reforma reacionária despudorada. Foi elaborada em uma chamada "Comissão Temporária Interna do Senado" que trabalhou nos gabinetes escondidos daquela Casa desde 1995. O relator da Comissão, base de oito Propostas de Emenda à Constituição e de três Projetos de Lei, foi o senador Sérgio Machado, PSDB/CE.

A primeira observação a ser feita é que todos os aspectos fundamentais da proposta reacionária que se planeja são cópia fiel do sistema eleitoral alemão. E a má fé é de tal ordem que em todo o lauto relatório de 91 páginas a completa ausência de originalidade é apresentada como coisa bra-



Haroldo Lima

sileira. Alguns aspectos devem ser ressaltados da ofensiva obscurantista e plagiária que se planeja. A cláusula de barreira de 5% para que um partido possa ter funcionamento parlamentar, acesso ao rádio e à TV e receber verbas do Estado; o sistema distrital misto, conhecido internacionalmente como sistema alemão, e a proibição de coligações partidárias. Esses sinistros três pontos liquidam, de uma penada, "no tapetão", com 23 dos 30 partidos existentes no Brasil, dos quais oito têm deputados federais eleitos. A Câmara, de 15 passaria, a ter sete partidos, com a ameaça de dois serem desbancados em seguida, o PDT e o PTB, que escaparam por pouco da cláusula de barreira (tiveram, cada um, 5,6% dos votos válidos).

Este é o plano de elitização exacerbada da representação política nacional. Ele é de todo inaceitável. Faz-se necessário organizar a luta contra o mesmo, articular o desmascaramento político de seus sequazes, esmiuçar para o povo essas medidas, ampliar o mais possível a frente de luta contra essa ameaça, levar a questão à intelectualidade, ao movimento operário, estudantil, camponês, a todos os que serão atingidos com tal cerceamento, posto que o alvo dessa investida é a própria democracia brasileira.

Os comunistas, tanto quanto em outras oportunidades, partirão para a briga. Com destemor, iniciativa, amplitude e radicalidade. Nos Estados onde estão gente do tipo do senador Sérgio Machado e do deputado João Almeida, dois principais defensores do pacote conta a democracia, medidas devem ser tomadas para que suas posições sejam rejeitadas. Deve-se elaborar textos de aprofundamento dos temas, realizar debates etc., e também confeccionar cartazes de divulgação massiva. Faz-se mister articular os partidos ameaçados, esperar e chamar o PT a participar conosco dessa batalha democrática, a despeito de seu líder no Senado ter, incompreensível e injustificadamente, assinado a proposta sinistra.

*Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados e membro da Comissão Política do Comitê Central

Crise do real mostra que é preciso mudar o modelo econômico

O Plano Real perdeu sua âncora cambial. O governo liberou o câmbio, e a moeda brasileira já perdeu, nos primeiros dias deste ano, 30% de seu valor. O fracasso do acordo FHC/FMI já era previsto em fins de dezembro, com a permanente fuga de dólares do país, que aumentou exorbitantemente em janeiro. Sem controle da crise, e pressionado pelos governadores recém-empossados que querem a renegociação da dívida com a União, o governo afastou Gustavo Franco do Banco Central, liberou o câmbio e aumentou ainda mais os juros. Ao contrário do que encenavam os ministros da área econômica, o Brasil não conseguiu fazer uma desvalorização controlada.

Mesmo com o fracasso, a fidelidade ao FMI e aos interesses do capital financeiro internacio-

nal continua. O ministro Pedro Malan e o novo presidente do Banco Central, Francisco Lopes, correram para Washington, para ouvir pessoalmente as orientações do Fundo para o país e pedir adiantamento de 9 bilhões de dólares do empréstimo ao país, visando compensar a queda das reservas brasileiras, que ficaram inferiores a 30 bilhões de dólares - o adiantamento foi negado.

A desvalorização do real poderá dificultar as importações e facilitar as exportações. Porém o comércio internacional também não é favorável para o Brasil no momento. Empresas e consumidores que têm dívidas em dólares ou balizadas pela variação cambial estão sendo duramente prejudicados com a queda da moeda brasileira.

O poder aquisitivo dos salári-

os será duramente atingido, e a tendência crescente do desemprego deverá ser acentuada. Para impedir a volta da inflação, o governo FHC pretende transformar o salário na nova âncora do Plano Real, impedindo o repasse dos aumentos de preços que estão ocorrendo após a desvalorização. O governo ainda deverá recrudescer em sua opção de aumentar impostos e cortar gastos, para garantir atrativos ao capital financeiro (conforme impõe o FMI).

Para a população brasileira, o atual modelo econômico só representará mais e mais sacrifícios. Para o país, a submissão cada vez maior ao FMI debilitará ainda mais a soberania nacional. A substituição do modelo econômico adotado pelo governo é a exigência da oposição e do movimento popular.

Oposição firme e decidida a FHC

A Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil dirige-se a seus militantes, aos partidos políticos aliados e à opinião pública para tornar clara sua posição sobre suposto entendimento que estaria em curso entre o governo e a oposição, a partir do encontro havido entre o presidente da República e o presidente de honra do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva.

1 - O primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso chega ao final deixando como saldo um agravamento sem precedentes da situação econômica e financeira do país e das condições de vida do povo brasileiro, que assume tons dramáticos, com o alastramento do desemprego e das chagas sociais. À beira da bancarrota financeira decorrente de uma política econômica lesiva aos interesses nacionais, o país ingressa, a partir da assinatura dos acordos com o Fundo Monetário Internacional e da adoção do pacote de arrocho fiscal e financeiro, numa fase de recessão e maior subordinação aos ditames dos banqueiros internacionais. Fernando Henrique Cardoso prepara-se para iniciar seu segundo mandato acenando não com uma correção de rumo ou um ajuste de orientação que apontasse para a solução dos graves problemas que afetam a nação e o povo. Pelo contrário. Reafirma seu programa antinacional

e antipopular, aprofundando a dependência do país e a opressão do povo brasileiro. Por outro lado, o presidente da República e alguns de seus auxiliares mais diretos estão sob suspeita de terem praticado atos escusos, incompatíveis com a moralidade administrativa. Fernando Henrique iniciará seu segundo mandato desgastado, confrontado com um descontentamento profundo em vastas parcelas da população, o que já ficara demonstrado no processo eleitoral recém findo, e com sérias disputas por espaço entre os partidos da base de sustentação de seu governo. É nesse quadro de dificuldades que o presidente faz acenos de "diálogo" com a oposição. Injustificadamente, sem consultar os partidos aliados, Lula foi a Palácio e manteve conversações com FHC.

2 - O Partido Comunista do Brasil reafirma a orientação adotada na 5ª reunião plenária de seu Comitê Central, realizada nos dias 20, 21 e 22 de novembro último, de que nada justifica o diálogo e o entendimento com o atual governo. Mantida a orientação antipopular e antinacional em curso, que conduz o país à falência e infelicita a vida de milhões de brasileiros, a atitude dos partidos democráticos e de esquerda em face desse governo só pode ser a da oposição mais firme e decidida. Oposição que não pode ser confundida com recuo ou acomodação.

entre amplas forças políticas tendo por critério os elevados interesses da nação e do povo. No momento em que o Brasil é agredido em sua soberania e em que a população trabalhadora enfrenta ingentes sofrimentos, opor-se ao governo e à política responsável por essa situação é questão de solidariedade e de salvação nacional.

3 - Os comunistas entendem que está na ordem do dia na presente conjuntura política a organização de um amplo movimento de resistência e oposição ao neoliberalismo, o que implica opor-se ao governo de FHC. Trata-se de pôr em ação um movimento em defesa do Brasil em relação às graves ameaças decorrentes da política desse governo. Isto requer o entendimento e a articulação entre amplas forças políticas democráticas, populares e patrióticas, partidos políticos de oposição, sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais, movimentos de trabalhadores sem terra, associações populares e estudantis, assim como personalidades destacadas em diversos setores da vida nacional. O Partido Comunista do Brasil reitera sua disposição já manifestada anteriormente de dedicar o melhor de suas forças e influência para a consecução desse objetivo.

São Paulo, 14 de dezembro de 1998

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Vereador do PCdoB assume no Rio

Fernando Gusmão assumiu o mandato de vereador da cidade do Rio de Janeiro, no dia 6 de janeiro. Gusmão assume o mandato de forma definitiva, já que o vereador Nestor Rocha (PDT) assumiu o cargo de Conselheiro Vitalício do Tribunal de Contas do Município e o primeiro suplente, Saturnino Braga (PSB), foi eleito Senador.

Mudança da Constituição baiana

PCdoB, PT, PDT, PSB e PV decidiram apoiar os deputados estaduais de oposição e organizações sindicais da Bahia para impedir que a bancada governista da Assembléia Legislativa mude a Constituição estadual de maneira sumária. Comissão especial para analisar a emenda sequer foi criada, por recusa do presidente da Assembléia, deputado Antônio Honorato (PFL).

Os parlamentares e representantes sindicais estiveram com o presidente da Câmara, deputado Michel Temer (PMDB-SP), que se disse surpreso com a reforma. Será impetrado mandado de segurança contra o presidente da Assembléia. Os deputados ligados ao governador César Borges e ao senador Antônio Carlos Magalhães, do PFL, pretendem alterar mais de 120 dispositivos, tratando de isenção de pagamentos de serviços públicos, extinção de autarquias e impedindo o Legislativo estadual de convocar o governador.

Protestos no Dia dos Aposentados

Dia 21 de janeiro será o Dia Nacional do Aposentado, com protestos em diversos Estados. Haverá sessão solene no plenário da Câmara dos Deputados organizada pela Frente Parlamentar e de Entidades Cívicas e Militares em Defesa da Previdência Social. Será um protesto contra a privatização da Previdência e contra o pacote de arrocho fiscal, especialmente quanto ao aumento do imposto previdenciário sobre os servidores públicos da ativa e à criação do imposto previdenciário sobre servidores aposentados e pensionistas.

Movimento dos Sem Terra faz 15 anos

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, está completando 15 anos este mês. O MST foi fundado no seu I Encontro Nacional, de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, Paraná.



João Amazonas e o vice-governador Osmar Jr.

Comunista é empossado vice-governador do Piauí

JOSÉ CARVALHO*

O presidente do PCdoB/PI, Osmar Júnior, tomou posse no dia 1º de janeiro como vice-governador do Estado. A posse de um comunista como vice-governador, pela primeira vez na história do país, teve destaque na imprensa local. Osmar tem destacado a importância das vitórias do governador Mão Santa frente às oligarquias que ao longo de décadas condenaram o Piauí ao atraso. Para ele, é urgente e necessário o atual governo, em conjunto com os setores organizados da so-

riedade, construir um projeto de desenvolvimento contemplando a reversão da acumulação de renda hoje concentrada nas mãos das elites locais e alterando os indicadores sociais que condenam a maioria do povo à pobreza quase absoluta. Osmar Júnior defendeu uma postura ativa do governo piauiense em relação ao governo federal, no sentido de quebrar o preconceito e a discriminação em relação ao Piauí, fruto da subserviência dos setores oligárquicos. De acordo com Osmar, a atual política de Fernando Henrique condena Estados e

municípios à falências e à vergonhosa condição de pedintes.

Na posse do governador Mão Santa e do vice-governador Osmar Júnior estiveram presentes o deputado federal pelo PCdoB no Ceará Inácio Arruda e Ronald Freitas, da direção nacional, representando o Comitê Central.

A direção do PCdoB no Piauí entregará carta aberta ao governador Mão Santa, defendendo a ampliação do caráter democrático e popular do governo e sugerindo linhas gerais para um projeto de desenvolvimento.

*Sec. de Propaganda - PCdoB/PI

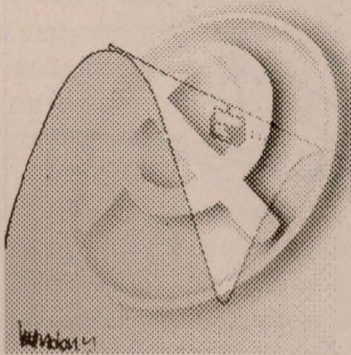
Vitória da unidade desafiantes horizontes

ANA ROCHA*

No Rio de Janeiro a oposição em geral e o PCdoB em particular encerraram o ano de 98 com chave de ouro, abrindo portas para novos e desafiantes horizontes.

Aos poucos vamos assimilando o real significado da vitória da esquerda na eleição para governador. Revelou, antes de mais nada, a força da unidade como a saída capaz de enfrentar o conservadorismo que vinha se consolidando no Rio de Janeiro. Essa vitória pode significar uma mudança de rumo para o desenvolvimento econômico do estado.

O escândalo envolvendo a tentativa de privatização da CEDAE mostrou a marca corrupta do governo Marcelo Alencar, que aprofundou o esvaziamento econômico do Rio de Janeiro, numa vergonhosa submissão à política neoliberal de FHC, abalando os pilares da eco-



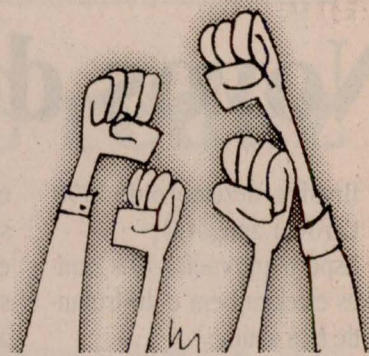
nomia fluminense numa ciranda privatizante que só serviu para enriquecer uns poucos.

É grande a responsabilidade do novo governo - que vai encontrar um Estado falido, endividado, num ambiente de profunda crise econômica. Serão necessárias vontade política e competência para dar um curso capaz de recuperar o desenvolvimento e atender às demandas da população como emprego, saúde, educação e segurança.

O PCdoB, que ajudou a construir a unidade em torno de Ga-

rotinho e teve atuação efetiva na campanha, participará do governo estadual, consciente das implicações que isso acarreta. Tem trabalhado para interferir na política a ser implementada, indicando nomes capazes política e tecnicamente. Está consciente de que esse espaço conquistado pode dar fôlego à esquerda em geral e ao PCdoB em particular, ampliando a visibilidade de suas propostas para as massas, dando canal para conquistas sociais importantes, assegurando o processo de participação democrática e de crescimento partidário.

O PCdoB se empenhará nesse rumo voltado para os interesses do Estado e do povo fluminense. Ao mesmo tempo, preservará sua identidade e independência, sempre se referenciando em sua política de defesa dos direitos dos trabalhadores.



Desafios do governo alagoano

EDUARDO BOMFIM*

A vitória de Ronaldo Lessa (PSB), imbuído de conteúdo plebiscitário, um repúdio aos governos gerenciados pelas tradicionais elites dirigentes de Alagoas. Esta viragem, concentrou-se no fundamental em relação ao poder executivo. Em que pese substancial aumento de votos nos candidatos do campo progressista, a composição da futura Assembléia Legislativa permaneceu majoritariamente conservadora.

Foram vitoriosas na eleição governamental as forças de esquerdas (PT, PSB, PCdoB, PPS, PDT), além do reforço de outras agremiações incorporadas na frente "Alagoas para Todos". Durante a batalha eleitoral, outros setores e lideranças políticas passaram a apoiar o candidato Ronaldo Lessa.

As forças tradicionais foram momentaneamente apeadas do poder, mas não irreversivelmente derrotadas. Renhidas batalhas serão travadas durante os primeiros meses de 1999 e, presumivelmente, um confronto de envergadura durante as eleições municipais de 2000. Permanecem intocadas as bases econômicas e a secular malha de relações de mando político, algumas delas sob o tacão da violência, que governaram Alagoas pelos tempos afora.

A vitória de Ronaldo Lessa representou a emergência, no cenário político, da classe média e de segmentos do empresariado que anseiam por transformações nas relações de poder regional. As massas populares participaram deste importante combate como atores coadjuvantes.

O futuro governo só tem uma saída para manter a defesa dos interesses dos alagoanos: a firme oposição às trágicas políticas públicas ditadas pelo governo federal.

Um outro aspecto delinea-se como fundamental para o governo a ser empossado. Definir ou apresentar às esquerdas e forças aliadas a estratégia mais geral que conduzirá a futura administração.

Torna-se imperiosa uma agenda econômica que considere o fato de que pelo menos 200 mil famílias em Alagoas encontram-se em um estágio de pobreza insuportável. Há que se desenvolver prioritariamente, um plano econômico emergencial, resgatando imediatamente a cidadania destes alagoanos.

*Presidenta do PCdoB/RJ

*presidente do PCdoB/AL

Novos desafios

Cauca Jorge



Socorro Gomes

Brasília, dezembro de 1998
Caro(a) amigo(a),
Espero que você e seus familiares estejam bem e desfrutando de boa saúde.

Nesta oportunidade, gostaria de refletir sobre o trabalho que pude desenvolver ao longo de dois mandatos como deputada federal. Foi um período de muitas mudanças no país, levando a uma maior concentração de riquezas, contrastando com a maioria dos brasileiros que vivem situações de miséria, fome e desemprego.

Muitas foram as lutas de que pude participar ativamente, cumprindo o dever de representante popular: o impeachment do presidente Collor de Mello, desnudando a farsa de um governo entreguista e corrupto; a CPI do Orçamento que desmontou uma cadeia de corrupção envolvendo empreiteiros, membros do Poder Executivo e do próprio Congresso Nacional, tornando mais transparente o processo de construção e aprovação do Orçamento da União.

Logo que cheguei à Câmara dos Deputados em 1990, na tentativa de fortalecer a luta pela reforma agrária, provocamos uma CPI para averiguar causas e consequências da violência no campo. Foi o primeiro passo de uma jornada de denúncias, proposições e fortalecimento da organização e luta dos trabalhadores pela terra.

As reformas da Constituição de 1988, antes mesmo que os

efeitos da Lei Maior pudessem ser vivenciados pela população e pelo país, têm recebido a oposição do meu Partido. Juntei-me àqueles que se opõem às reformas econômicas, políticas e sociais, que estão em curso, e jogam por terra as conquistas da última Constituinte. Tais reformas, em suma, visam sugar o Brasil, transferindo para banqueiros e agiotas internacionais recursos que deveriam ser aplicados no desenvolvimento da Nação e no bem estar do nosso povo.

Também nas privatizações, que selam a entrega do patrimônio nacional a grupos estrangeiros e especuladores, temos nos somado às forças de resistência. No caso da Companhia Vale do Rio Doce, cujos empreendimentos se concentram no Estado do Pará, dediquei grande esforço na tentativa de impedir a sua privatização, por entender serem desastrosas as consequências para o Pará e para o Brasil. Algumas delas já pudemos experimentar, como por exemplo o refluxo nos investimentos da estatal, demissões em massa e suspensão de projetos em nosso Estado.

A condição de parlamentar da Amazônia impôs-me também a tarefa de lutar e defender os interesses da região, ao longo desses 8 anos de mandato. A soberania sobre nossas riquezas e o combate à biopirataria culminou no trabalho de uma Comissão Especial, que propiciou não só denunciar o roubo de mate-

riais genéticos na Amazônia, como também apontar as causas e propor ações na defesa dos interesses nacionais.

Caros(as) amigos(as), chego ao final de dois mandatos como deputada federal com o sentimento de ter cumprido a tarefa que me foi delegada de representar a vontade popular no parlamento brasileiro. O exercício desta atividade propiciou um maior amadurecimento de minhas convicções, impondo-me a continuidade nestas lutas, agora fora do parlamento. Pois, só o aumento da participação popular nos conduzirá a um Brasil mais justo.

Na certeza de que estaremos juntos nas lutas de resistência à secular opressão imposta aos trabalhadores brasileiros, quero desejar a você e a toda sua família, um Natal repleto de felicidades e que, no ano que se inicia, as esperanças se redobrem e as forças se agigantem, para enfrentar os novos desafios, na construção de um Brasil livre, justo e fraterno.

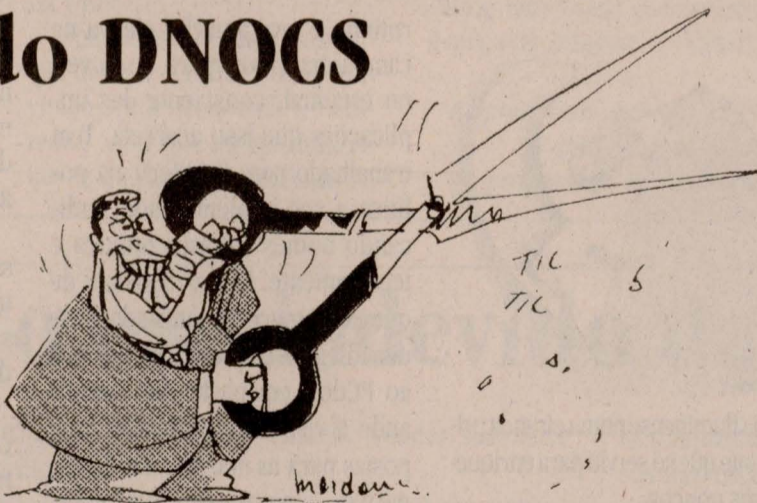
Forte abraço.

Socorro Gomes, deputada federal PCdoB-PA

Deputados condenam extinção do DNOCS

A extinção do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) pelo governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), foi alvo de protestos na Câmara Federal. Os deputados da oposição querem a reestruturação do órgão, que teve sua atuação esvaziada. O líder do PCdoB na Câmara, deputado Haroldo Lima (BA), condenou a desativação do DNOCS, departamento criado há quase 90 anos. "O governo justifica esta medida com o argumento de que é preciso reduzir despesas", citou Haroldo Lima, "mas ao mesmo tempo está criando ministérios e altos cargos públicos que servem de barganha com sua base política aliada".

O deputado comunista fez questão de citar a atuação do departamento no trabalho de minimizar os efeitos na seca no Nordeste. O



órgão construiu 306 açudes públicos, com capacidade de armazenamento de água superior à da Barragem de Itaipu. Construiu mais de 40 mil poços profundos que servem ao abastecimento das pequenas comunidades. Foi responsável ainda por quase todo o processo de irrigação, numa área de mais de 83 mil hectares de terras.

Quanto ao método utilizado pelo governo FHC para fechar o DNOCS, Haroldo Lima observou

que a medida provisória foi editada de surpresa: "A forma é autoritária, não foi discutida e não representa o anseio popular", resumiu. "O povo brasileiro não sabia que isto estava prestes a acontecer, nem poderia imaginar que a MP seria publicada no feriado de 1º de janeiro". Na avaliação do líder do PCdoB, o governo federal deveria reestruturar o departamento, criando melhores condições para o combate à seca.

Brasileira recebe prêmio por luta contra impunidade

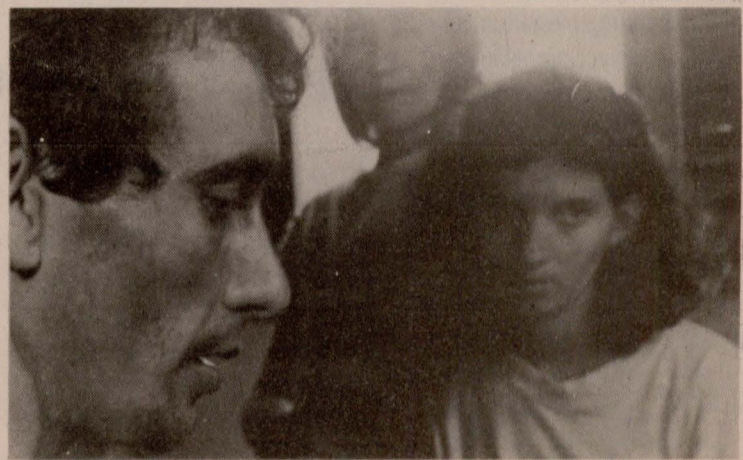
O deputado federal Aldo Arantes (PCdoB-GO) comunicou ao Congresso que, durante as comemorações do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a França homenageou cinco defensores dos direitos humanos de diversos países, dentre os quais a brasileira Luzia Canuto de Oliveira, presidente do Comitê Rio Maria, no sul do Pará.

"A escolha de Luzia Canuto se deu por sua luta incansável contra a impunidade dos autores de crimes por encomenda, contra lavradores e sindicalistas que lutam pela reforma agrária naquela região", falou o de-

putado. A homenageada sentiu na própria pele a impunidade: seu pai, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria, foi assassinado em 1985; dois de seus irmãos em 1990 e um terceiro, juntamente com seu marido, foi vítima de duas tentativas de homicídio em 1990 e 1991.

Luzia, perseguida e ameaçada, está sob proteção da polícia a pedido da Comissão Interamericana da OEA (Organização dos Estados Americanos) e recebeu o prêmio da República Francesa em 10 de dezembro, diretamente das mãos do Primeiro Ministro Lionel Jospin.

João Roberto Ridder

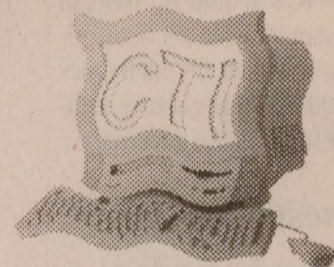


Orlando e Luiza Canuto, filhos de João Canuto

Defesa da Fundação Centro Tecnológico para Informática (CTI)

No dia 7 de janeiro reuniram-se na Câmara Municipal de Campinas vários parlamentares e representantes de entidades sindicais para articular a defesa da Fundação CTI, ameaçada de extinção pelo governo FHC. Foi aprovado um manifesto, onde se afirma:

"Na sociedade contemporânea, tais centros são instrumentos valiosos na construção de uma política industrial que propicie o fortalecimento de nosso parque industrial, do mercado interno, de geração de um sistema produtivo e de empregos no país. (...) O descaso com a ciência e tecnologia tem levado a uma inserção subalterna e de-



pendente do nosso país no mercado mundial, com graves repercussões para o Estado de São Paulo e para a região metropolitana de Campinas." O manifesto é assinado, dentre outros, pelo vereador Sérgio Benassi, de Campinas, pelos deputados estaduais Jamil Murad e Nivaldo Santana e pelo deputado federal Aldo Rebelo, do PCdoB/SP.

Campanha de filiação, propaganda e formação no Ceará

O PCdoB-CE iniciou a campanha de filiação com diversos eventos nas áreas de Formação e Propaganda. Foi realizada a grande festa da vitória eleitoral no bar Pirata, na Praia de Iracema, onde participaram mais de 3000 pessoas.

Foi realizada também palestra sobre os 150 anos do Manifesto Comunista, com Augusto Buoniccioni e Walter Sorrentino. Durante o debate foi lançada a campanha de filiação

"Onde tem Luta, tem PCdoB".

No dia 30 de janeiro será realizado o Encontro Estadual de Agitação e Propaganda. Além de um esforço de organização das comissões de propaganda dos municipais, esse encontro vai discutir as experiências de comunicação do Partido (eleitorais e do movimento popular) e fazer uma avaliação sobre o papel da propaganda na luta pela transformação da sociedade.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

DESEMPREGO

Acordo dos metalúrgicos do ABC reduz salários na Volkswagen

GUTOMAR PRATES

O ano que se inicia promete não ser nada fácil para os trabalhadores. As campanhas salariais do segundo semestre do ano passado serviram como amostra do que está por vir. Realizadas em meio ao que era apenas indício de uma recessão, foram um teste à disposição de luta de várias categorias.

No dia 18 de dezembro, a Ford anunciou a demissão de 2800 metalúrgicos. Os trabalhadores da montadora têm realizado, nas últimas semanas, manifestações e ocupações na fábrica de São Bernardo contra as demissões anunciadas.

A política econômica do governo federal deixa o Brasil vulnerável. A cada ameaça de crise, os especuladores internacionais pegam os seus dólares e vão explorar em outra parte do mundo. O governo brasileiro insiste no erro, aumenta os juros, corta gastos sociais e impõe medidas ditadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) em troca de alguns bilhões para salvar o país da completa falência.

No setor metalúrgico como em outros setores, as empresas passaram a promover demissões para adequar suas folhas de pagamento ao novo ritmo das vendas que despencaram, a exemplo do que ocorreu na Ford. No setor de bens duráveis, principalmente veículos, o nível de vendas caiu pela metade, deixando os pátios das montadoras e concessionários lotados.

SETOR PREVÊ AINDA MAIS DEMISSÕES DURANTE 1999

Em São Paulo, o setor de autopeças encerrou o ano com 16 mil trabalhadores a menos. As empresas tinham 186 mil trabalhadores em dezembro de 97 e, em dezembro de 1998, empregavam apenas 170 mil. Caso o mercado de veículos continue em queda, estão previstas mais 10 mil demissões, segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças).

O diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Tarcísio Secoli, dá como certa a perda de pelo menos 6 mil postos de trabalho até abril.

Foi com esse quadro que se realizaram as campanhas salariais. Algumas conseguiram repor as perdas e outras, com o facão no pescoço, acabaram abrindo



Assembléia na Volks aprova acordo para evitar demissões

mão de direitos.

Pela primeira vez, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e o Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté (SP), aceitaram reduzir salários "em troca da manutenção de empregos" na Volkswagen. O acordo prevê que os 26 mil metalúrgicos das duas fábricas receberão, a partir de janeiro, 85% de seus salários e trabalharão 4 dias por semana nas três primeiras do mês e 5 dias na quarta semana: "Esta situação permanece até que seja retomada a produção. Aí, os salários voltarão ao normal", explica o diretor tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Tarcísio Secoli.

Os patrões saudaram este acordo como um grande avanço no campo trabalhista. Já o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luís Marinho, afirma: "Para o nosso Sindicato o acordo representou uma opção difícil. Mas assumimos tal opção como desafio de luta e como uma aposta otimista no futuro."

O acordo do ABC prevê que a Participação nos Lucros e Resultados (PLR), antes paga em duas parcelas, como se fossem um prêmio, seja incorporada ao ganho mensal, substituindo a perda salarial.

Quem ganha até R\$ 2,4 mil receberá todo mês uma parcela da PLR, de R\$ 2,1 mil no total para "compensar" a perda salarial. Este é um precedente que institucionaliza para os metalúrgicos a remuneração variável, não incorporada ao salário oficial. É uma situação temporária. Pelo menos, é o que garantem os dirigentes do ABC. Para a Volkswagen, a vantagem é que não haverá cobrança de encargos ou impostos sobre a PLR. O consolo, para os trabalhadores, é que haverá a reposição de 2,98% refe-

rente à inflação passada.

Quem ganha acima de R\$ 4 mil terá perdas maiores, mesmo com o parcelamento da PLR e com a reposição da inflação. O prejuízo médio, em relação ao salário de dezembro/98, será de 4%. Já a Volkswagen economizará R\$ 200 milhões com folha de pagamento neste ano.

ATUAIS ACORDOS NÃO REPRESENTAM AVANÇOS

O acordo tem validade de dois anos. Nele, nada é explícito sobre garantia de emprego mas, se-

gundo a área de Recursos Humanos da empresa, "tudo foi feito para evitar demissões".

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté acha que o acordo foi um bom negócio: "O acordo deve ser analisado numa perspectiva de longo prazo. No futuro, as vantagens ficarão evidentes", afirma.

Para o secretário sindical do PCdoB, João Batista Lemos, o quadro econômico difícil e as demissões justificam as dificuldades dos sindicatos em negociar bons acordos coletivos. "O que não se justifica é mostrar esse acordo como

um avanço. Mesmo em uma situação de defensiva dos trabalhadores, a saída é acumular forças para defender o emprego sem reduzir direitos", afirma, lembrando que os metalúrgicos da Volkswagen chegaram a rejeitar o acordo em assembléia realizada na porta da empresa, demonstrando disposição de luta. "Me parece que a diretoria do Sindicato do ABC não soube canalizar esta disposição para resistência, e negociou sem maior mobilização", diz Batista Lemos.

EDUCAÇÃO POLÍTICA É FUNDAMENTAL

Diferentemente, na Ford, a direção do sindicato busca uma estratégia de resistência com maior radicalidade. Além da denúncia do desemprego, tenta uma negociação mais favorável aos operários.

Batista destaca que é preciso "educar politicamente os trabalhadores, mesmo nos momentos em que se tem perdas. É preciso denunciar o caráter anti-trabalho do governo FHC e a exploração capitalista. Ao mesmo tempo, é necessário organizar uma frente de luta mais ampla, de oposição ao neoliberalismo e ao avanço do capital contra os direitos dos trabalhadores".

"Os trabalhadores não são culpados pela crise"

Os metalúrgicos do Rio de Janeiro também desenvolveram sua campanha salarial no mês de novembro e assinaram um acordo coletivo que prevê reajuste de 3%, sendo pago 2% em janeiro e 1% em fevereiro, mantendo todas as cláusulas sociais.

Inicialmente, as empresas propuseram redução salarial, diminuir o horário de almoço para 40 minutos, parcelamento de férias em até três vezes, diminuir o número de diretores do sindicato de 59 para sete e contrato

por prazo determinado (temporário).

Para o presidente do Sindicato, Luis Chaves, a mobilização da categoria foi fundamental para derrotar as pretensões patronais. "Realizamos greves em quase todas as empresas, numa campanha que durou 90 dias", afirma, considerando o acordo positivo.

O mote da campanha salarial no Rio de Janeiro, revelado em todo o material de propaganda, cartazes e jornais do Sin-

dicato foi contra a redução salarial. "Os sindicalistas precisam se contrapor a essa visão de que os trabalhadores é que tem que pagar pela crise. É um grande erro aceitar redução de salários. Isto só serve para desmoralizar os trabalhadores que não são culpados pela crise das empresa e do país. O que as empresas querem com isso é fazer caixa para poder pagar as indenizações com o dinheiro dos próprios trabalhadores", opina o sindicalista.

R\$ 15,00
15 edições

Pagamento:

- cheque nominal
 dinheiro
 Cartão nº
Validade
 Vale postal nº
 Depósito na conta
Agência 0251 - C/C 48676-7
Banco Itaú

ASSINE

A Classe Operária



Rua Adoniram Barbosa, 53
CEP 01318-020 - São Paulo - SP
Tel. (011) 3104-4140

Data da assinatura: ____ / ____ / ____

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Tel.: (____) _____

Data de nascimento: ____ / ____ / ____

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

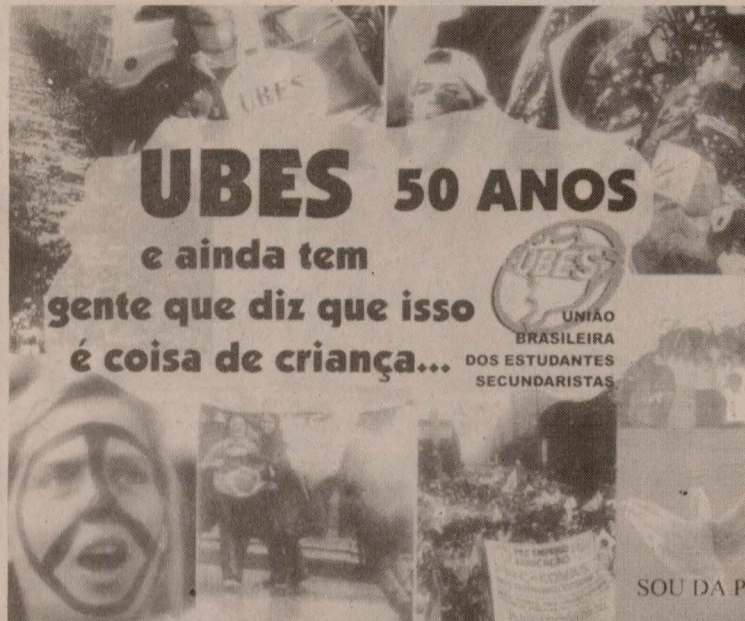
50 anos de UBES: rebeldia com causa

MANOEL RANGEL*

A UBES comemorou em ato na ABI-RJ, no dia 3 de dezembro de 1998, 50 anos de luta em defesa do ensino público e dos direitos dos estudantes. O ato, onde foi lançada a revista "50 anos da UBES! coisa de criança?", foi a mais ampla reunião de ex-dirigentes da entidade já realizada, juntando quatro gerações de estudantes secundaristas.

Estavam lá Carlos César Castelar Pinto (1949), Lúcio Abreu (1950), Tibério César Gadelha (1951), José Luiz Clerot (1957), Celso Saleh (1958), Raimundo Nonato Cruz (1959), representantes da geração que fundou a entidade e a dirigiu até o fim dos anos 50; Políbio Braga (1962/1963), Tibério Canuto (1967), Bernardo Jofily (1968), da geração que atuou nos anos 60 e fez a luta contra o regime militar; Sergio Amadeu (1981/1982), Apolinário Rebelo (1983), Delcimar Pires (1984), Selma Oliveira (1985), Milton Alves (vice-presidente de 1985), Rovilson Brito (1986), Altair Lebre (1987), Manoel Rangel (1988/1989), da geração que reconstruiu a entidade e atuou nos anos 80; Mauro Panzera (1992), Joel Benin (1993/1994), Kérison Lopes (1995/1996), da geração que realizou o Impeachment e trouxe a UBES ao longo desta década.

O destaque ficou por conta da presença maciça de estudantes das escolas do Rio de Janeiro e de outros Estados, e da participação da mãe do estudante Edson Luís, assassinado pelo regime militar. Em sintonia com a data e a campanha da UBES marcando o seu 50º aniversário (UBES 50 anos. E ainda tem gen-



te que diz que isso é coisa de criança...), o ato foi marcado pela combatividade, pelo entusiasmo e pelos rostos de meninos e meninas que desde cedo apostam na luta para mudar o país.

RESPONSABILIDADE E IRREVERÊNCIA

Os oradores aproximaram para os militantes da nova geração fatos históricos importantes. E desfilaram comentários, de quem viveu, sobre o suicídio de Getúlio, os anos das reformas de base de Jango em que pareceu ser possível reformar o ensino de 1º e 2º graus do país, a luta contra a ditadura militar e os mártires secundaristas, a luta pela redemocratização do país e a democratização da escola, o Impeachment e as centenas de milhares de secundaristas que descobriram o Brasil pelas mãos da UBES.

Em todas as falas a construção de uma certeza sobre o movimento: a generosidade e o destemor com que os secundaristas se lançam a empreitada de

discutir sua realidade, a realidade do seu povo e do seu país.

EMOÇÃO E REFLEXÃO

Mas os 50 anos não têm servido à UBES apenas como glórias passadas. Não desapareceram no país os problemas e a desigualdade que motivou a fundação da UBES e a luta de todas as gerações que por ela passaram. Ser e falar para os mais de 20 milhões de secundaristas brasileiros segue sendo o desafio de falar todas as línguas, todos os modos, todos os jeitos de ser estudante no Brasil. Seguir em frente e sem temor, a partir da sala de aula, inventar novas formas de se organizar e fazer acontecer suas bandeiras e seu movimento. Afinal, como disse Mauro Panzera e os diretores da UBES com razão deram destaque: "A UBES é uma aventura conseqüente, uma rebeldia com causa, um desafio aconselhável a qualquer estudante do Brasil."

*Ex-presidente da UBES (1988 / 1989), secretário de propaganda do PCdoB/SP.

Militares mobilizam a história em defesa da Nação

JOSÉ CARLOS RUY

Um eminente – e injustamente pouco lembrado – vulto da história brasileira foi homenageado no final de 1998 pelo Exército brasileiro, que batizou com seu nome a 10ª Companhia de Engenharia de Combate, sediada em São Bento do Una, Pernambuco. Trata-se do general José Ignácio de Abreu e Lima, filho do famoso revolucionário Padre Roma, que foi um dos líderes da revolução de 1817, sendo por isso preso e fuzilado.

Abreu e Lima nasceu em Recife, em 1794; aos 17 anos, matriculou-se na Academia Real Militar, chegando a capitão de artilharia; mais tarde, foi instrutor de oficiais em Angola. Após o fuzilamento de seu pai, fugiu para os EUA e, em seguida, procurou asilo na Venezuela, integrando-se em 1818 ao exército de Bolívar, que lutava pela independência da Grã-Colômbia. Lutou sob as ordens de Bolívar até 1824, chegando ao posto de general, sendo citado várias vezes pelo Libertador como "o maior de meus generais". Em virtude de sua bravura e denodo, há muito tempo é reverenciado pelos "países bolivarianos".

Apesar de ter lutado pela independência de nações republicanas, Abreu e Lima era monarquista e apoiou os imperadores Pedro I e Pedro II. Em nosso país, ele foi reabilitado pelo governo na época das Regências, voltando para sua terra, onde também passou a ser respeitado e homenageado. O próprio imperador D Pedro II, assim que obteve maioria e assumiu o trono, o recebeu somente.

Aqui, dedicou-se ao jornalismo, às letras, à história e à filosofia. Escreveu um *Compêndio de História do Brasil*, uma *História Universal*, e *O socialismo*, publicado em 1855, uma obra pioneira cujo fundamento era a consideração ética de que o socialismo consiste na "tendência do gê-

nero humano para tornar-se ou formar uma só e imensa família". Fundamento de ressonância religiosa, que via o socialismo como um desígnio da providência divina, que pode colocar seu autor na linhagem dos reformistas conhecidos como socialistas utópicos.

Por isso é uma homenagem significativa o fato daquela unidade do Exército passar agora a chamar-se "Companhia General Abreu e Lima". É também significativa das preocupações com a defesa da soberania nacional e a integração sul-americana que as Forças Armadas brasileiras vêm manifestando desde algum tempo. Os sinais são variados. Em maio de 1993, o batismo de uma unidade do Exército brasileiro na fronteira com a Argentina com a denominação de "Regimento San Martin" já havia homenageado o libertador de várias nações sul-americanas, o general argentino José de San Martin. Em janeiro de 1994, outra homenagem a um herói latino-americano: o 6º Batalhão de Engenharia de Construção, sediado em Boa Vista, Roraima, recebeu o nome do Libertador, passando a chamar-se "Batalhão Simon Bolívar".

Estas homenagens deixam transparecer, nítida, a preocupação militar em mobilizar a história e os vultos de seu panteão para a defesa da nação neste momento em que as ameaças que o país sofre podem voltar-se contra sua unidade territorial. Manifestações que um oficial que não faz parte do governo pode exprimir com menos diplomacia, como o brigadeiro Sérgio Ferolla que, em entrevista à revista *Caros Amigos* (outubro/1998), defendendo a necessidade de um projeto nacional autônomo, disse que "o inimigo é muito inteligente". *Quem é o inimigo?*, perguntou a revista. Ferolla não tergiversou: "é o hemisfério norte, principalmente os Estados Unidos".

Contra o uso indevido da marca comunista

A Associação Brasileira Agências de Publicidade, a Associação Nacional de Jornais e a Federação Nacional Propaganda publicaram em órgãos de imprensa de todo o país – inclusive em placas de outdoor – campanha institucional que pretende incentivar seus clientes a veicular anúncios vendendo seus produtos. Para chamar a atenção do público, utilizaram como chamariz o símbolo do Partido Comunista, a foice e o martelo. Sob os títulos: "Cuidado, essa crise já acabou com marcas bem mais conhecidas que a sua! Evite a crise: anuncie!".

O anúncio traz um arrazoado mal

alinhado tentando vender seu peixe podre.

O PCdoB, que luta para desmascarar a política neoliberal – matriz ideológica des-

sa campanha sórdida – entrou com recursos nas instâncias próprias para que não seja feito uso indevido de sua marca histórica. Várias iniciativas regionais – como

este anúncio que publicamos nesta edição – fazem parte da resposta criativa que os comunistas lançam mão para combater a propaganda do "pensamento único".

NEM TUDO ACABA COM A CRISE O QUE MARCA, VOLTA A CRESCER

O Brasil enfrenta uma das piores crises de sua história. Causada pela irresponsabilidade de seus governantes e de suas elites, ela faz com que mais uma vez o povo pague o pato. Procuraram esconder isso de você. Publicitários elaboraram campanhas milionárias, tentando mostrar à população que tudo ia bem. Não acredite mais neles.

Acredite em quem nunca mentiu e sempre lutou com você por um país melhor.

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

FICHA DE LEITURA

Prefácio de “A dialética da natureza”

- Friedrich Engels - [continuação]

◆ Quanto mais profunda e exata se ia fazendo a investigação sobre a natureza, tanto mais se ia desfazendo aquele rígido sistema de uma natureza orgânica invariavelmente fixa. [Com os trabalhos, entre outros, de Lamarck, que culminam na obra de Charles Darwin, ganha corpo a teoria da evolução das espécies]. A nova concepção da natureza ficava, assim, configurada em suas linhas gerais: tudo aquilo que se considerava rígido, se havia tornado flexível; tudo quanto era fixo, foi posto em movimento; tudo quanto era tido por eterno, tornou-se transitório; ficara comprovado que toda a natureza se movia num eterno fluxo e permanente circulação.

● Faça um breve comentário sobre a “Evolução das espécies”, de Charles Darwin, e sobre suas repercussões e implicações filosóficas e culturais.

◆ Darwin não teve a menor idéia da amarga sátira que escrevia sobre os homens (E especialmente sobre seus compatriotas), quando afirmou que a livre competição, a luta pela existência, que os economistas celebram como sendo a maior conquista histórica do homem, constitui exata-

mente o estado natural do reino animal.

● Escrita há mais de cem anos esta frase soa tão atual em uma época na qual o neoliberalismo dominante no mundo festeja exatamente o primado do mercado e da livre concorrência como expressão maior da civilização.

◆ Somente uma organização consciente da produção social, de acordo com a qual se produz e se distribua obedecendo a um plano, pode elevar os homens, também sob o ponto de vista social, sobre o resto do mundo animal, assim como a produção, em termos gerais, conseguiu realizá-lo para o homem considerado como espécie.

● Engels prega, portanto o socialismo como a perspectiva capaz de levar adiante o processo de humanização dos homens, enquanto que a persistência do sistema capitalista se constitui em uma ameaça a esta mesma humanidade..

ATENÇÃO!

*Apesar de se tratar de uma obra inacabada, e de seus manus-

critos conterem considerações sobre a ciência que estão superadas face ao desenvolvimento científico ocorrido desde então, a “Dialética da natureza” comporta várias reflexões de valor mesmo nos dias atuais, e em especial seu prefácio, que é o texto sugerido para estudo, apresenta grande atualidade para a cultura marxista e para a reflexão filosófica em geral.

◆ O prefácio é um texto sintético, muito denso de informações, que procura mostrar como o desenvolvimento das ciências contribuiu para enfrentar as concepções teológicas de mundo herdadas do catolicismo medieval e como este mesmo desenvolvimento ulterior, em especial a partir do século XVIII sugere uma visão de um mundo em permanente transformação, de uma natureza que se desenvolve e se transforma no espaço e no tempo, enfim de uma natureza que só pode ser compreendida no processo de sua história.

REFLITA E DISCUTA

1. Que limitações para o conhecimento derivam do fato de a

mecânica ter sido a primeira disciplina a ganhar tratamento sistemático na era moderna? Note, por exemplo, que Augusto Comte, criador da filosofia positivista, sugeria para a disciplina dedicada ao estudo da sociedade a denominação de Sociologia, ou de ... Física Social.

2. Quais obstáculos ao desenvolvimento do pensamento científico Engels quer assinalar com a seguinte frase: “Copérnico, no início desse período, lança a luva do desafio à teologia; Newton o termina com o postulado do primeiro impulso divino”.

3. Por que Engels atribui tanto papel aos trabalhos de Lamarck e de Darwin na mudança da concepção de natureza formulada pelos primeiros cientistas da época moderna?

4. Como Engels inclui o pensamento formulado por Marx e por ele mesmo no desenvolvimento das idéias científicas?

PARA SABER MAIS...

... NÃO DEIXE DE LER:

◆ *Notas críticas sobre uma tentativa de ‘ensaio popular’ de sociologia* – Capítulo III de

Concepção dialética da história – Antonio Gramsci.

◆ *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* – Friedrich Engels.

◆ *Friedrich Engels e as ciências da natureza* – Olival Freire Jr. – *Princípios* nº 39, 1995.

◆ *A física e as leis da dialética* – José Lourenço Cindra – *Rev. Bras. de Ensino de Física*, 20(2), 1998.

◆ *Contradições na dialética e na lógica formal* – Erwin Marquit, *Princípios* nº 43, 1996.

... E ASSISTIR:

“Giordano Bruno – Filme – Um excelente quadro da perseguição inquisitorial católica.

“O nome da rosa – Filme – Um belo painel da transmissão do conhecimento na Europa medieval.

“Miguel de Servet – Série de TV – Exemplo, citado por Engels, de como os protestantes não ficaram atrás da Inquisição Católica na repressão à ciência moderna.

“Galileu Galilei – Peça teatral, escrita pelo dramaturgo marxista alemão Bertold Brecht.

HISTÓRIA DA LUTA PELO SOCIALISMO 12

A guerra antifascista

BERNARDO JOFFILY

A ofensiva nazifascista (ver o artigo 11) assumiu, sobretudo após 1939, a forma de guerra de conquista – a II Guerra Mundial, maior conflito bélico da história. Após testar suas armas e tropas na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) trataram de impor uma redivisão do mundo sob sua hegemonia. A Alemanha hitlerista em poucos meses de *blitzkrieg* (guerra relâmpago) dominou grande parte da Europa. Em 1941, lançou o grosso de seus exércitos contra a União Soviética, violando o acordo de não-agressão de 1939.

O movimento operário, os social-democratas e principalmente os comunistas eram o alvo principal da fúria nazifascista. O dirigente comunista checo Julio Fuchik deixou um eloquente testemunho desta sanha – e da luta contra ela – no livro *Testamento sob a forca*. Em contrapartida, os operários conscientes estiveram entre os primeiros que

se lançaram à Resistência. O combate aos nazistas e aos *Quisling* (nome de um fascista norueguês, sinônimo de colaboracionista) recorria a todas as formas: da participação nos sindicatos fascistas – para manter os vínculos com as massas – às ações clandestinas de propaganda, sabotagem e guerrilha. Na URSS a resistência ficou conhecida como *Grande Guerra Patriótica* – nome que indica uma flexão política, pois chamava à luta não só os partidários do socialismo, mas todos que desajassem enfrentar o invasor.

A batalha de Stalingrado marcou a virada na guerra

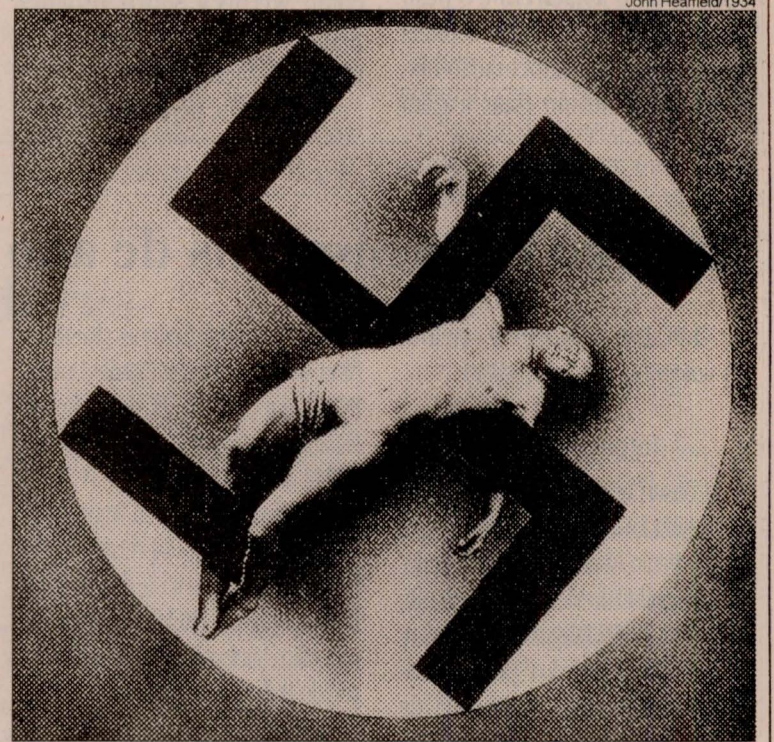
No início de 1943 as tropas de Hitler haviam ocupado a parte mais rica e populosa da URSS e estavam às portas das maiores cidades soviéticas, Moscou e Leningrado (hoje São Petesburgo). Os soviéticos adotaram uma estratégia de terra arrasada: evacuavam as áreas ocupadas, e organizavam guerrilhas na retaguarda alemã. Ocorreu então a bata-

lha decisiva de Stalingrado, que marcou a virada em todo o curso da guerra.

Os alemães conquistaram a cidade de Stalingrado (hoje Volgogrado), após meses de cerco e feroz combate casa por casa. Buscavam o controle do petróleo do mar Cáspio, e o trunfo simbólico daquela que, desde a Guerra Civil (ver o artigo 9), chamava-se “Cidade de Stálin”. Empenharam aí seu corpo de elite (o 6º Exército). Porém, assim que tomaram a cidade, viram-se por sua vez cercados e, após outros duríssimos combates, capitularam em 2 de fevereiro de 1942. A partir daí, o nazifascismo caiu na defensiva e começou a perder terreno.

A esquerda era quem dava o tom na Resistência

Para os povos sob o jugo fascista, Stalingrado foi o sinal de que era hora da contra-ofensiva. A Resistência, antes subterrânea, ganhou ímpeto. Chegara o momento da revanche pelos anos de terror e miséria do III



Reich. As guerrilhas antifascistas ganharam caráter de massas, sobretudo nos Balcãs (Iugoslávia, Albânia, Grécia), entre os *maquis* franceses e os *partigiani* italianos.

As forças da Resistência compunham um leque político-ideológico bastante variado, às vezes combatendo unidas, às vezes não. Havia grupos de direita, partidários da antiga ordem pré-fascista – às vezes com força, como os *gaullistas* (partidários do general de Gaulle) na

França ou o *Exército Secreto* na Polónia. Mas quem dava o tom era a esquerda, com destaque para os comunistas. Na Iugoslávia e na Albânia a guerrilha comunista chegou a tomar o poder. Na Itália, capturou e executou Mussolini. Na França, o PCF conquistou enorme prestígio como “o partido dos 70 mil fuzilados” durante a ocupação.

Estava aberto o caminho para, como veremos, um novo e fértil campo de luta pelo socialismo no mundo.

MEMÓRIA

Nelson Werneck Sodré - 1911-1999

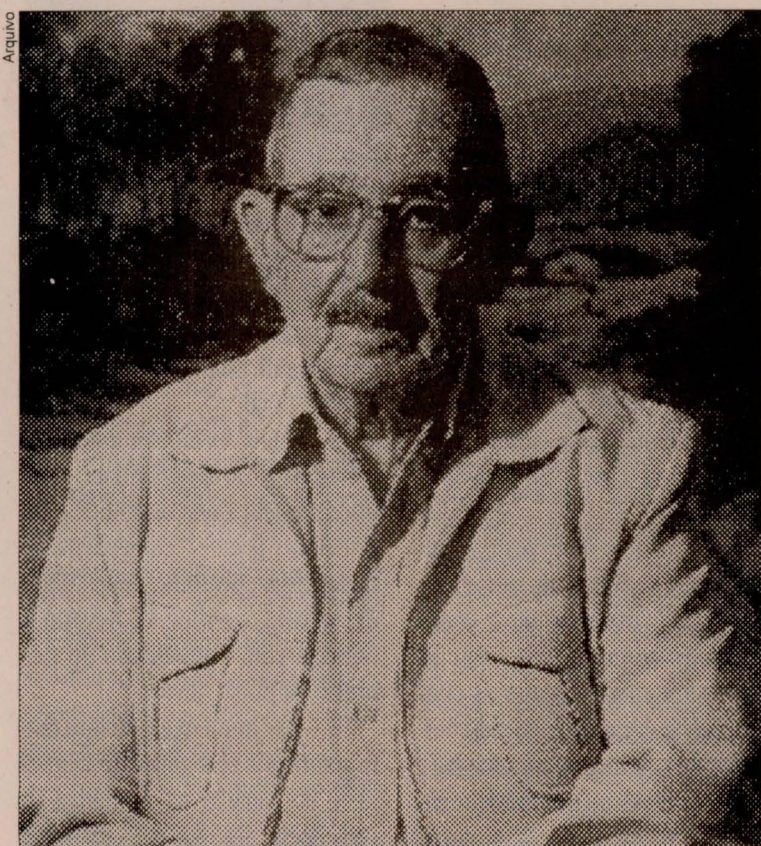
BERNARDO JOFFILY

O Brasil perdeu dia 14 último um dos seus maiores historiadores neste século: Nelson Werneck Sodré, 87 anos, general do Exército, marxista convicto e assumido, pensador e desvendador da brasilidade em suas incontáveis facetas.

Werneck Sodré morreu em Itu, onde costumava passar os verões, lúcido e atento às mudanças em curso no país e no mundo. Soube tirar lições avançadas do vendaval reacionário desta década de ofensiva neoliberal. Considerava o PCdoB como "o núcleo principal da esquerda marxista no Brasil". Colaborou por mais de uma vez com a revista *Princípios*, inclusive com a esclarecedora entrevista "A história vive!", publicada na penúltima edição da revista (nº 50).

Deixou-nos uma obra teórica de inestimável valor. São mais de 40 títulos sobre a trajetória de nossa terra, de sua economia, sociedade, classes sociais, aparelho estatal, forças armadas, imprensa, cultura e artes - desde *A História da literatura brasileira* (1938), passando pela basilar *Formação histórica do Brasil* (1962), até *A farsa do neoliberalismo* (1995).

É certo que algumas das suas conclusões permanecem em debate - como a natureza e o peso de relações de produção feudais ou servis na nossa formação histórica. Mas mesmo estas trazem



General e escritor Nelson Werneck Sodré

a marca da seriedade, da reflexão profunda, da desassombada perseguição da verdade, de um pensamento generalizador embasado em notável erudição. São contribuições fecundas; ainda que discutíveis em seu mérito, elevam o debate. Contrastam, como a luz e as trevas, com a indigência de idéias e a fragmentação burra de certa historiografia vulgar - que boa parte da academia vem produzindo em série enquanto torce o emproado nariz para quem, como Werneck Sodré, procura penetrar de fato os enigmas da trajetória brasileira.

Homem de pensamento, Nel-

son Werneck Sodré foi também um combatente da luta política prática. É conhecido seu papel no ISEB - importante centro de formulação dos movimentos patrióticos e antiimperialistas entre os governos Juscelino e Goulart. Militar, nem por isso escapou da cassação e da prisão após o golpe de 1964. Porém até o fim da vida trabalhou, com êxito, para difundir nas Forças Armadas uma visão avançada, de crítica do ranço anticomunista da fase da ditadura e de engajamento, ao lado das forças populares, nas trincheiras da resistência à ofensiva neoliberal.

Relação de mensagens de ano novo ao PCdoB

O PCdoB agradece e retribui os votos de um feliz 1999.

Internacionais

Cônsul Geral da República de Angola, Consulado Geral da República de Cuba em São Paulo, Consulado Geral da República Socialista do Vietnã em São Paulo, Coordenação Socialista Latino-americana, Equador, Delegação Especial Palestina no Brasil, Comitê Central do PC de Cuba - Departamento de Relações Internacionais, Embaixada da República Islâmica do Irã, Embaixada da República Popular Democrática da Coreia no Peru, Embaixada de Cuba, Embaixador da República Popular da China, François Houtart - Centro Tricontinental, Bélgica, Henri Alleg, Henri Batasuna, Espanha, Nexhmije Hoxha, OSPAAAL - Solidaridad/Madri, PC Alençon (KPD), PC Colombiano, PC da Alemanha (DKP), PC da Argentina, PC da Áustria, PC da Bolívia, PC da Dinamarca (m-l), PC da Grécia (KKE), PC da Índia (marxista), PC da Síria, PC de Cuba, PC do Canadá, PC do Canadá (m-l), PC do Chipre (AKEL), PC do Vietnã, PC do Sri

Lanka, PC dos Bolcheviques (Rússia) - Nina Andreieva, PC dos Estados Unidos, PC Ghadar da Índia, PC dos Povos de Espanha, Granada/Espanha, PC Japonês, PC M-L da Alemanha (MLDP), PC Português, PC Revolucionário da Argentina, PC Revolucionário da Grã-Bretanha (m-l), PC Sírio, Partido da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO, Partido Democrático Nacional da Coreia do Sul, Partido do Trabalho da Bélgica (PTB), Partido do Trabalho da Noruega, Sindicato dos Marinheiros da Índia, Suzanne Marty (comitê de anistia aos albaneses), França, União Democrática Popular Portugal - Luís Pazenda

Nacionais

Associação Brasileira de Cursos de Formação de Vigilantes (Armando Hugo Silva, presidente), Associação Brasileira de Empresas de Vigilância e Segurança, Augusto César Petta (presidente da CONTEE), AutoBan, Banco Santos (Edemar Cid Ferreira, presidente), Charles Nobre Peroba, Fortaleza, CUT, Deputada Ali-

ce Portugal, Deputada Jandira Feghali, Deputada Luciana Santos, Deputada Vanessa Graziotin, Deputado Aldo Arantes, Deputado Aldo Rebelo, Deputado Eron Bezerra, Deputado Haroldo Lima, Deputado Ricardo Gomide, Deputado Jamil Murad, Deputado Milton Monti, Eduardo Feitosa, Global Editora, Francisco Mão Santa - governador do Piauí, Itaú Cultural, Luiz Eduardo Greenhalgh, Mabel Dantas Mariz, Mauro Benevides, Nelson Werneck Sodré, Olival Freire Jr., Orestes Quércia, Partido dos Trabalhadores, José Dirceu - presidente nacional, PCdoB/PE, PCdoB/AM, Raul Carrion, Ricardo e Roberto Trípoli, Rogério Cerqueira Leite, Sindicato das Empresas de Segurança Privada de SP, Sindicato dos Bancários da Bahia, Vereadora Ana Martins, Vereador Edson Ramos, Vereadora Majô, Vereadora Ortência Gorete Matias da Rosa, Vereador Sérgio Benassi, Video Noir produções Ltda, Vicentinho, presidente da CUT, Video Imagem, empresa, Zilah Branco.

Comunistas portugueses querem novos rumos para o euro

No dia 1º passou a vigorar o euro, substituindo as moedas de 11 dos 15 países da União Europeia, envolvendo 291 milhões de europeus. No mercados financeiros de Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Bélgica, Holanda, Áustria, Irlanda, Finlândia e Luxemburgo a denominação da moeda nacional desaparece. O único incidente foi registrado em Amsterdã, onde o ministro das Finanças holandês, Gerit Zalm, foi atingido por tortas, lançadas por manifestantes antieuro.

Com a moeda única, a Europa ficará menos dependente do jogo das especulações com o dólar. "Os países asiáticos devem saudar a criação de moeda europeia poderosa porque a excessiva dependência do dólar foi uma das causas da crise financeira na Ásia", declarou Tommy Koh, diretor da Fundação Asia-Europa, de Cingapura. O comissário para assuntos monetários da UE, Yve Thibault de Siguy, garante que o uso do euro aumentará o movimento financeiro internacional "na medida em que os mercados passem a percebê-lo como alternativa confiável ao dólar".

Os 71 países do ACP, da África, Caribe e Pacífico, terão mais facilidades em seu comércio com empresas da Europa, segundo Ng'andu Peter Mangane, secretário-geral do grupo. Na África, o euro substituirá o franco nas transações com a Comunidade Finan-

ceira Africana.

Para o deputado Carlos Carvalhas, do PC Português, a perda de moeda própria e da possibilidade de utilização da taxa de câmbio torna Portugal mais vulnerável para reagir a efeitos externos de perda de competitividade. Carvalhas destaca que "a tendência para um euro caro em relação ao dólar e ao yen atingirá de forma diferente as exportações alemãs e as portuguesas ... com o conseqüente reflexo no emprego e no tecido produtivo."

Os comunistas portugueses entendem que "no plano internacional Portugal deve juntar a sua voz àqueles que defendem uma urgente reforma do sistema monetário internacional e que, no quadro da União Europeia, se deve aproveitar estes três anos de transição para o euro como moeda de fato, para se acompanhar as conseqüências tomando as medidas que os interesses nacionais exigem e procurando simultaneamente alterar o rumo da integração."

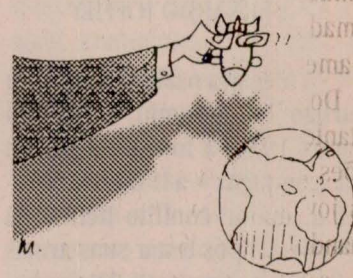
O parlamentar comunista quer a construção europeia "sobre uma reorientação progressista que rejeite o fundamentalismo neoliberal, as concepções nacionalistas e xenófobas, que não aceite como uma fatalidade a acentuação das desigualdades sociais e regionais, e que se indigne perante os milhões de desempregados e de pobres, que esta 'construção' tem produzido."

Repúdio ao ato de guerra dos EUA contra o Iraque

Na madrugada de quinta-feira, 17 de dezembro, os Estados Unidos, com a participação da Inglaterra, bombardearam criminosamente o Iraque. A capital, Bagdá, e outras localidades iraquianas, e até mesmo uma região do vizinho Irã, foram o alvo dos mísseis norte-americanos. O ato de guerra ocorreu à véspera da sessão de votação do *impeachment* do presidente Bill Clinton.

Sob pretextos falsos e inconsistentes, o governo estadunidense adota uma política belicista para intervir nos assuntos internos de outro país, soberano. A população civil - crianças e idosos, inclusive - tem sua vida colocada em risco por mais este ato irresponsável e indefensável, de caráter nitidamente imperialista, dos Estados Unidos.

O posicionamento do governo Fernando Henrique Cardoso, deplorando o uso da força, mas insinuando a responsabilidade do Iraque pelo ataque, de que o objetivo, é inaceitável. A tradição diplomática brasileira, de repúdio à intervenção militar e de defesa



da paz, deve ser mantida, com condenação clara desta ação belicosa norte-americana. O ato de guerra perpetrado contra o Iraque atinge a todos os povos amantes da paz e do progresso, do respeito à soberania e da convivência construtiva entre os Estados e as nações.

O Partido Comunista do Brasil condena com veemência a atitude dos Estados Unidos e exige a suspensão imediata das ações agressivas contra o Iraque. E conclama a todas as organizações democráticas e populares que realizem atos e enviem mensagens de protesto contra o governo norte-americano.

São Paulo, 17 de dezembro de 1998.
Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

CUBA

Fidel fala ao mundo de onde há 40 anos proclamou a vitória da revolução

MIGUEL URBANO RODRIGUES

Desde as grandes jornadas do Abril português que não festejava pela noite adentro a vitória de uma revolução. Aconteceu agora em Santiago no cenário caribenho da capital do Oriente cubano. (...)

Da Praça Céspedes se dirigiu Fidel Castro ao mundo e aos cubanos na noite do primeiro dia do último ano do milênio. Falou do balcão azul onde apareceu há quatro décadas, de verde-oliva, em plena juventude, para anunciar o triunfo da revolução e o fim da ditadura que oprimia o povo. (...)

Na abertura, um talentoso pianista cubano executou peças clássicas, enquanto em dois ecrãs gigantes desfilavam imagens que permitiam reviver fases da epopeia revolucionária. Entre os convidados, vindos dos quatro cantos do mundo, havia gente de trinta países. Revolucionários como o português Vasco Gonçalves, o salvadorenho Shaffick Handel, da Frente Farabundo Martí, o italiano Fausto Bertinotti, da Refundação Comunista Italiana. Entre grandes escritores que trouxeram sua solidariedade à revolução unham apenas de 7 fuzis. E, contudo, o impossível fez-se realidade com o tempo. Esse punhado de sobreviventes foi o núcleo do chamado Exército rebelde que em menos de 24 meses derrotou as Forças Armadas de Batista, financiadas e armadas pelo imperialismo norte-americano. (...)

Dos atuais 11 milhões de habitantes da Ilha, mais de 7 milhões não haviam nascido. (...) Os jovens de hoje não existiam quando – após 761 dias de guerra – a ditadura se desmoronou sob os golpes do Exército Rebelde.

Fidel faz questão de dar ênfase às diferenças. Produziram-se no mundo transformações prodigiosas, umas boas, muitas inquietantes. A URSS desmoronou-se. (...) Fidel tinha 32 anos quando entrou vitorioso em Santiago; hoje, tem 72. Adquiriu uma sabedoria que surpreende até os seus inimigos. Ele próprio lembrou que não é o mesmo homem que há quatro décadas se dirigira ao povo daquele balcão. Estava vestido da mesma maneira e suas convicções são as mesmas. Mas hoje seu discurso e sua mundividência refletem as mudanças ocorridas em Cuba e na Terra.

Na Cuba de 1959, 30% da população era analfabeta; na Cuba do final do milênio, o analfabetismo foi erradicado.



Camilo Cienfuegos e Fidel Castro em Havana, 1959

Citou números, contrapondo o panorama de miséria, podridão, ignorância e desigualdade social que Cuba então exibia, ao oferecido hoje por uma sociedade socialista onde mais de 600.000 cidadãos têm diplomas universitários e o total de médicos ultrapassa os 64.000, a mais elevada percentagem do mundo. O ensino, antes um privilégio de uma minoria, é hoje obrigatório até o nono ano, e totalmente gratuito, bem como os cuidados de saúde.

GLÓRIA E FIRMEZAS

Nesta jornada comemorativa da vitória de 1959, o presidente de Cuba não dedicou atenção prioritária às dificuldades do Período Especial. Mas recordou que uma "extraordinária página de glória e de firmeza patriótica e revolucionária foi escrita nestes anos", exigindo do povo sofrimentos e sacrifícios duríssimos. (...)

Preocupa-o muito o rumo que a humanidade está forçada a seguir num contexto de unipolaridade. Enquanto fazem a apologia do capitalismo globalizado neoliberal e tratam de levá-lo às últimas conseqüências, os Estados Unidos sonham com colônias futuras na Lua e em Marte. Na Terra, contudo, promovem uma política que empurra a humanidade para uma catástrofe. Assistimos

até mesmo a uma perigosa agressão ao planeta, que é a pátria comum do homem. (...)

Os teólogos da globalização neoliberal insistem em ligar a liberdade do homem a uma liberdade irrestrita do mercado, considerando ambas como indissociáveis. Trata-se de uma aberração que faz do homem uma simples mercadoria.

BESTA IRRACIONAL

Ora, na realidade, "sem igualdade e fraternidade, que foram lemas sacrossantos da própria revolução burguesa, não pode nunca haver liberdade; a liberdade e a igualdade são absolutamente incompatíveis com as leis do mercado". Este é cada vez mais marcado pela irracionalidade. Na opinião de Fidel a humanidade está sendo empurrada para a antecâmara do que pode ser uma tragédia.

Recorrendo a fatos e números esboçou o quadro em que se desenvolve e funciona o mercado, feroz como uma besta irracional. Os teólogos do neoliberalismo atuam – afirmou – como fundamentalistas de um novo tipo cujo projeto de sociedade é devastador e inviável. No aprofundamento da análise citou, como exemplo esclarecedor, a instrumentalização dos fundos de pensão multimilionários que arrecadam nos EUA

uma massa gigantesca de capitais que é utilizada no jogo especulativo das bolsas. A crise iniciada na Ásia Oriental está agora mais próxima; seus tentáculos ameaçam a América Latina, sobretudo o Brasil. O que se passou na Tailândia e na Coreia do Sul não serviu de emenda. O louco jogo do dinheiro prossegue. Os senhores do mercado exigem mais privatizações, mais desregulamentação. Continuam a investir contra o Estado de bem-estar social, tentando minar-lhe os alicerces. Pretendem que o Estado se demita da sua histórica função social e reduza ainda mais sua intervenção na área da economia.

Fidel, para tornar mais transparente a problemática abordada, citou o caso das condições brutais impostas pelo FMI ao Brasil em troca de ajuda financeira exigida por uma crise resultante em grande parte das próprias políticas que lhe haviam sido ditadas por Washington. Recordou também episódios pouco conhecidos como aquele que envolveu um gigantesco Fundo de Cobertura norte-americano dirigido por dois Prêmio Nobel de economia. Ao entrar em crise na seqüência dos seus negócios aventureiros (em que estavam envolvidos 7 bilhões também comprometidos em operações especulativas no valor de 120 bilhões de dólares) foi

salvo *in extremis* com ajuda do Reserve Board dos EUA. A estória foi divulgada por Allan Greenspan, diretor desse poderoso banco central. Se o fundo em questão fosse à falência, uma crise incontrolável explodiria, na opinião de Greenspan, nos EUA, logo adquirindo dimensão mundial. (...)

LUTA HUMANISTA

"Povo algum – disse – , por maior e mais rico que seja pode resolver os seus problemas isoladamente, menos ainda um país pequeno ou médio. Mas o exemplo de Cuba é um guia na luta humanista contra a globalização capitalista neoliberal, que dia-a-dia arrasta a humanidade para a beira do abismo." (...)

Nenhuma causa para os revolucionários cubanos é hoje mais importante do que a causa da própria humanidade. A "distribuição justa das riquezas que os seres humanos sejam capazes de criar" aparece-lhe como a única alternativa viável ao neoliberalismo. "Que cesse a tirania – são palavras suas – de uma ordem que impõe princípios cegos, anárquicos e caóticos, que conduz a espécie humana ao abismo. Que sejam preservadas as identidades nacionais. Que em cada país sejam protegidas as culturas. Que prevaleçam a igualdade e a fraternidade e com elas a verdadeira liberdade. Não podem continuar a crescer as insondáveis diferenças entre ricos e pobres dentro de cada país e entre países. Devem, pelo contrário, atenuar-se progressivamente até cessarem um dia. Que seja o mérito, a capacidade, o espírito criador e a contribuição do homem para o bem-estar da humanidade e não o roubo, a especulação ou a exploração dos mais fracos aquilo que determina o limite das diferenças. Que o humanismo passe a ser praticado com atos e não com slogans hipócritas." (...)

Foi com palavras de confiança no homem que fechou o seu discurso, pronunciando numa atmosfera mágica, no mesmo lugar em que, com alegria da vitória no rosto falara há 40 anos exortando seu povo a partir à conquista do céu na Terra. (...)

Os estrangeiros amigos de Cuba que estiveram em Santiago naquela noite tiveram a oportunidade de confirmar a dimensão e a complexidade do afeto que liga o povo de Martí a Fidel, seu continuador. A festa prosseguiu pela noite adentro.

Palavras de Saramago

JOSÉ SARAGAMO*

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia. Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caxinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. (...)

Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei. (...)

Desses mestres, o primeiro foi, sem dúvida, um medíocre pintor de retratos que designei simplesmente pela letra H, protagonista de uma história a que creio razoável chamar de dupla iniciação (a dele, mas também, de algum modo, do autor do livro), intitulada "Manual de Pintura e Caligrafia", que me ensinou a honradez elementar de reconhecer e acatar, sem ressentimento nem frustração, os meus próprios limites: não podendo nem ambicionando aventurar-me para além do meu pequeno terreno de cultivo, restava-me a possibilidade de escavar para o fundo, para baixo, na direção das raízes. (...)

Três gerações de uma família de camponeses, os Mau-Tempo, desde o começo do século até a Revolução de Abril de 1974 que derrubou a ditadura, passam nesse romance a que dei o título de "Levantado do Chão", e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. (...)

Ao menos uma vez na vida todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreverem as redondilhas de "Sôbolos rios"... Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre os amores de antanho e as decepções da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça de teatro chamada "Que farei

com este livro?" em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: "Que fareis com este livro?" (...)

Aproximam-se agora um homem que deixou a mão esquerda na guerra e uma mulher que veio ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas. Ele chama-se Baltasar Mateus e tem a alcunha de Sete-Sóis, a ela conhecem-na pelo nome de Blimunda, e também pelo apodo de Sete-Luas que lhe foi acrescentado depois, porque está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra. Aproxima-se também um padre jesuíta chamado Bartolomeu que inventou uma máquina capaz de subir ao céu e voar sem outro combustível que não seja a vontade humana, essa que, segundo se vem dizendo, tudo pode, mas que não pôde, ou não soube, ou não quis, até hoje, ser o sol e a lua da simples bondade ou do ainda mais simples respeito. (...) E também se aproxima uma multidão de milhares e milhares de homens com as mãos sujas e calosas, com o corpo exausto de haver levantado, durante anos a fio, pedra a pedra, os muros implacáveis do convento, as salas enormes do palácio, as colunas e as pilastras, as aéreas torres sineiras, a cúpula da basílica suspensa sobre o vazio. Os sons que estamos a ouvir são do cravo de Domenico Scarlatti, que não sabe se deve rir ou chorar... Esta é a história de "Memorial do Convento", um livro em que o aprendiz de autor, graças ao que lhe vinha sendo ensinado desde o antigo tempo dos seus avós Jerónimo e Josefa, já conseguiu escrever palavras como estas, donde não está ausente alguma poesia: "Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu." (...)

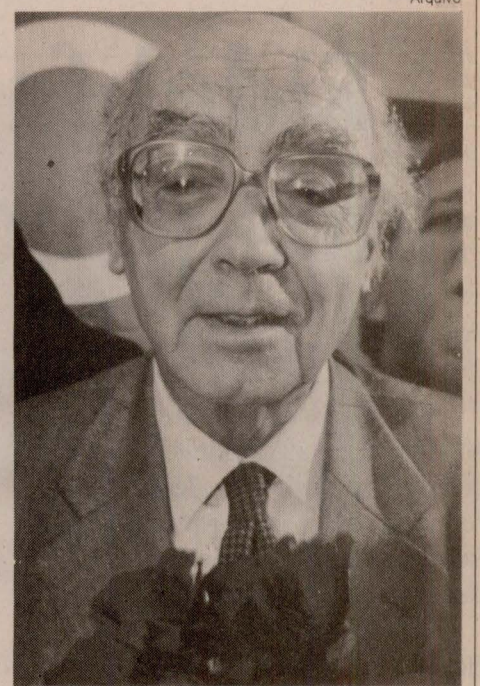
Mas foi na biblioteca da escola industrial que "O Ano da Morte de Ricardo Reis" começou a ser escrito... Ali encontrou um dia o jovem aprendiz de serralheiro (teria então 17 anos) uma revista - "Atena" era o título - em que havia poemas assinados com aquele nome e, naturalmente, sendo tão mau conhecedor da cartografia literária do seu país pensou que existia em Portugal um poeta que se chamava assim: Ricardo Reis. (...) Aprendeu de cor muitos poemas de Ricardo Reis ("Para ser grande sê inteiro/Põe quanto és no mínimo que fazes"), mas não podia resignar-se, apesar de tão novo e ignorante, que um espírito superior tivesse

podido conceber, sem remorso, este verso cruel: "Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo". Muito, muito tempo depois, o aprendiz, já de cabelos brancos e um pouco mais sábio das suas próprias sabedorias, atreveu-se a escrever um romance para mostrar ao poeta das "Odes" alguma coisa do que era o espectáculo do mundo nesse ano de 1936 em que o tinha posto a viver os seus últimos dias: a ocupação da Renânia pelo exército nazista, a guerra de Franco contra a República espanhola, a criação por Salazar das milícias fascistas portuguesas. (...)

Fruto imediato do ressentimento colectivo português pelos desdêns históricos de Europa (mais exacto seria dizer fruto de um meu ressentimento pessoal...), o romance que então escrevi - "A Jangada de Pedra" - separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direcção ao Sul do mundo, "massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais", a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim, a tanto a minha estratégia se atreveu, o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens. (...)

Lembrou-se então o aprendiz de que em tempos da sua vida havia feito algumas revisões de provas de livros e que se na "Jangada de Pedra" tinha, por assim dizer, revisado o futuro, não estaria mal que revisasse agora o passado, inventando um romance que se chamaria "História do Cerco de Lisboa", no qual um revisor, revendo um livro do mesmo título, mas de História, e cansado de ver como a dita História cada vez é menos capaz de surpreender, decide pôr no lugar de um "sim" um "não", subvertendo a autoridade das "verdades históricas". (...)

Ora, foi provavelmente esta aprendizagem da dúvida que o levou, dois anos mais tarde, a escrever "O Evangelho segundo Jesus Cristo". (...) Foi assim que o aprendiz, agora rodeado de personagens evangélicas, leu, como se fosse a primeira vez, a descrição da matança dos Inocentes, e, tendo lido, não compreendeu. Não compreendeu que já pudesse haver mártires numa religião que ainda teria de esperar trinta anos para que o seu fundador pronunciasse a primeira palavra dela, não compreendeu que não tivesse salvado a vida das crianças de Belém precisamente a única pessoa que o poderia ter feito, não compreendeu a ausência, em José, de um sentimento mínimo de responsabilidade, de remorso, de culpa, ou sequer



José Saramago

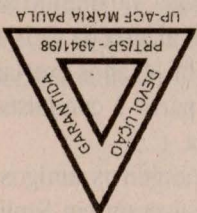
de curiosidade, depois de voltar do Egipto com a família. (...)

Se o imperador Carlos Magno não tivesse estabelecido no Norte da Alemanha um mosteiro, se esse mosteiro não tivesse dado origem à cidade de Münster, se Münster não tivesse querido assinalar os mil e duzentos anos da sua fundação com uma ópera sobre a pavorosa guerra que enfrentou no século XVI protestantes anabatistas e católicos, o aprendiz não teria escrito a peça de teatro a que chamou "In Nomine Dei". (...)

Cegos. O aprendiz pensou: "Estamos cegos", e sentou-se a escrever o "Ensaio sobre a Cegueira" para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante. Depois, o aprendiz, como se tentasse exorcizar os monstros engendrados pela cegueira da razão, pôs-se a escrever a mais simples de todas as histórias: uma pessoa que vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano. O livro chama-se "Todos os Nomes". Não escritos, todos os nossos nomes estão lá. Os nomes dos vivos e os nomes dos mortos.

Termino. A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiveram. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.

Estocolmo, 7 de Dezembro de 1998
Trechos do discurso pronunciado ao receber o Prémio Nobel de Literatura. A íntegra está disponível na edição da Classe na Internet (<http://www.pcdob.org.br>)



IMPRESSO



CEP 01318-020 - São Paulo - SP
 Rua Adoniram Barbosa, 53 - Bela Vista
 Tel.: (011) 3104 4140
CDM
 A CLASSE OPERÁRIA
 Centro de Documentação e Memória
 Fundação Maurício Grabois